O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DA COMMISSÃO ARCHEOLOGICA

DA

INDIA PORTUGUEZA

Não me mandas contar estranha historia
Mas mandas me lhumar dos meus a gloria.
CAMÕES, *Lus.* c. III, est. 20

VOLUME II

N.º 8

1908

Agosto

NOVA GOA

IMPRENSA NACIONAL

1908

COMMISSÃO DE REDACÇAO

Alberto Osorio de Castro, Procurador da Corôa e Fazenda.

Herculano de Moura, 1.º Tenente da armada, Governador do districto de Diu.

J. A. Ismael Gracias, Professôr do Lyceu Nacional.

J. M. Ribeiro Norton de Matos, Capitão S. E. M., Director da Repartição de agrimensura,

---

SUMMARIO

Do n.º 8

I — DATAS DA PRIMEIRA OCCUPAÇÃO DE GOA PELOS PORTUGUEZES (DO *Archivo Historico*).

II — TRES CARTAS, INÉDITAS, PARA A HISTORIA DE DIU (conclusão), por *Herculano de Moura*.

III — DOCUMENTOS DO ARCHIVO DA REPARTIÇÃO SUPERIOR DE FAZENDA (SOBRE O POETA BOCAGE).

IV — MAPPA DE GOA POR J. M. GONSALVES, por *J. A. Ismael Gracias*.

V — TROPAS INGLEZAS EM DAMÃO, por *A. F. Moniz*.

VI — O PRINCIPE DE GALLES EM GOA, NO ANNO DE 1875, por *J. B. Amancio Gracias*.

VII — INSCRIPÇÕES E EPITAPHIOS EM TOUTULIM, por *Gelasio Faria*.

VIII — GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA (continuação), por *J. M. do Carmo Nazareth*.

DATAS DA PRIMEIRA OCCUPAÇÃO DE GOA

PELOS PORTUGUEZES

Com a devida venia recortamos da excellente Revista intitulada *Archivo Historico Portuguez*, n.os de agosto e setembro do anno proximo findo, uma pagina interessantissima, na qual um dos seus illustres directores, o digno par do reino, sr. Anselmo Braamcamp Freire—um archeologo engastado n'um gentleman—, fixa, com um importante documento que divulga, as datas da primeira occupação de Goa em 1510, sobre as quaes se nota grande variedade nos chronistas.

Esse documento é uma carta da quitação passada em Lisboa a 15 de fevereiro de 1518, a favor de Francisco Corbinel, que exerceu, desde 8 de novembro de 1510 até 20 de dezembro de 1515, o cargo de feitor da cidade de Goa, documento que o sr. Braamcamp Freire faz acompanhar de eruditas considerações. Para estas e para aquelle chamamos a attenção dos nossos leitores.

«Mandámos ora tomar conta a Francisco Corbinel, feitor que foi na nossa cidade de Goa cinco annos, um mez e doze dias, que começarom a 8 de novembro de 510, que a cidade foi tornada a tomar aos mouros, e acabarom a 20 de dezembro de 515, de todo o dinheiro,

prata, mantimentos, mercadorias, e outras muitas cousas, que recebeo em todo o dito tempo. E mostrou-se receber de dinheiro 295:743 pardaos, 3 fanões e meio; e 1428 marcos de prata; e 55:714 fardaos e meio de arroz, e dele mais 7:258 candis, 3 mãos e 1 terço: e 548 quintaes e 6 arrates de azeite de temga e gergelim, e delle mais 8 quartos; e 1278 quintaes, 1 arroba e 14 arrates de atucur (?) e jagra, e mais 129 fardaos delle, e mais delle mais 10 jarras; e 29 quintaes, 1 arroba, 24 arrates de algodam fiado e por fiar, e delle mais 70 saccas: e 3 arcas; e 2 almofarizes; e 72 quintaes, 2 arrobes, 21 arrates de amgyam; e 4 alifantes; e 1 almadia; e 33 adargas, em que entra uma rica; e 161 quintaes, 3 arrobas e 27 arrates de azougue; e 329 quintaes, 16 arrates de alaquar; e 56 arrates de alaquècas; e 13 arrates de açafiam; e 148 quintaes de areca; e 3 alcatifas, e 1 quintal 2 arrobas de amfiam; e 2 quintaes, 16 arrates de anil; e 1 quintal, 2 arrobas, 11 arrates de alambares; e 459 quintaes, 3 arrobas e mea de biscoito, e delle mais 329 faraçobas; e 674 quintaes, 1 arroba e 24 arrates de breu; e 5860 rodas de barbante; e 70 bois; e 24 covados, 2 terças de borcado; e 535 beatilhas; e 10 quintaes, 8 arrates de brazil; e 3 bombardas, e 1 espingarda, e 24 bandeiras, e 4 fardos de buzios, e 6 bacias de cobre, e 33 caldeiras de cobre, e 1 costodia de prata, e 1 caipanha *(sic)* de prata de um cruxificio; e 172 cavalos; e 3223 quintaes, 3 arrobas, 28 arrates *(ha aqui uma lacuna)*; e 4:626 quintaes, 21 arrates, 7 oitavas de cobre; e 73500 cocos; e 521 moios, 40 alqueires de cal; e 1 cruz de prata com seu cruxificio que pesou 9 marcos, 6 onças; e 205 hapeos; e 422 quintaes e 21 arrates de chumbo, e dele mais 97 pães; e 28 quintaes, 2 arrobas e 8 arrates de canela, e dela mais 3 faraçolas; e 13 coiraças; e 316 covados e 11 duzias de catim, e dele mais 2 peças; e 6 capas de Chaul; e 11 quintaes, 10 arrates de continhas; e 1 collar de ouro que pesa 3 marcos e 3 ocças e 2 oitavas, e 46 quintaes, 3 arrobas e 4 arrates de cravo; e 2 quintaes e 2 arrobas de cardamomo; e 75 camisas gazarutas; e 125 queijos; e 407 marcos, 1 onça, e 1 oitava de coral; e umas cabeçadas de prata; e 5 calez de prata com suas patenas; e 9 peças de damasco; e 254 quintaes e 4 arrates de enxofre; e 39 espadas; e 132 estribeiras: e 17 pares de esporas em que entram umas ricas; e 282 espravos; e 8 candis 50 *(sic)* de farinha; e 2357 quintaes, 1 arroba, 26 arrates de ferro; e 4 frontaes; e 1887 quintaes, 2 arrobas, 6 arrates de gemgivre; e 3182 candis, 4 mãos, 5 sestos de gramos; e 731 peça, 3 arrobas, 24 arrates de linho; e 20 peças, 2 arrobas e mea de lentilhas; e 1 quintal, 3 arrobas, 17 arrates de lenhoes; e 299 quintaes, 1 (arroba) e 6 arrates de manteiga, e dela mais 1 quarto; e 748 candis, 5 mãos e mea de mungo; e 18 caixas de mermelada; e 85 quintaes, 1 arroba, 12 arrates de marfim; e 1 quintal 1 arroba e 4 arrates e meo de maçaba; e 2 quintaes, 1 arroba, 8 arrates de mirra; e 4 mantos da igreja; e 172 quintaes, 3 arrobas, 24 arrates de noz noscada; e 3 naos; e 30 candis de nachenim; e 2426 jarras de orraca; e 596 peles de cordovam; e 456 covados, 1 quarta de paño de gram, vermelho e mareto; e 6095 panos de Cambaya, e doutras muitas sortes; e 8:707 cotonias, e dellas mais 6 mãos; e 234 beirames; e 1379 quintaes, 2 arrobas, 25 arrates, 3 quartas de pimenta; e 44 punhaes; e 145 quintaes, 1 arroba de pedra hume; e 1 pano de armar; e 1 pontefical; e 2 retavolos; e 1108 quintaes, 2 arrobas, 14 arrates de salitre; e 59 peças de solias; e 30 paos de sandolos, que pesaram 8 quintaes; e 1 saia de malha; e 23 toucas; e 5442 candis 14 mãos e mea de trigo; e 12 quintaes de tamarindos; 1 terçado; e 24 pipas, 25 almudes e

meo de vinho; e 134 covados de veludo; e 756 vacas; e 300 quintaes, 3 arrobas, 22 arrates de vermelham; e 5 vestimentas; e 15 azambuquos; e outras muitas cousas conteudas na recadaçam de sua conta, que aqui nom vam decraradas por serem muitas e desvairados dizeres; nom entrando aqui nenhuma cousa do que recebeo nem despendeo em dous meses dezasete dias, que começarom a primeiro de março de 510, que a dita cidade foi tomada a primeira vez aos mouros, e acabarom a 17 de maio do dito anno, qua foi tomada a tornar pelos mouros, por se mostrar pelos assentos dos livros dos escrivães da feitoria tudo se queimar e perder, de que o damos por quite e livre. E de todalas ditas cousas que recebeo nos ditos cinco annos, um mes, doze dias, nos deu mui boa conta... polo qual o damos por quite e livre .. E por quanto nesta quitaçam entra algum dinheiro, mantimentos, mercadorias, e outras muitas cousas, que entregou aos nossos almoxerifes, feitores e officiaes, que pelos assentos dos livros de seus escrivães lhe forom levadas em conta, sem delas mostrar nem trazer estromentos em forma, por dizer que lhe ficaram lá na India, por elle ser trazido de Cochim sem o mais leixarem ir a Goa, houvemos por bem de lhe mandarmos dar esta nossa carta de quitaçam, com tal condiçam que elle cobre os ditos estormentos, ou certidam em forma, em que decrare que sam todas carregadas em receita sobre os ditos nossos officiaes, assi os que realmente lhe entregou, como os que ficaram pera elles recadarem. E assi os 3:494 pardaos, 7 fanões, que lhe ficaram por arrecadar do rendimento das rendas da terra e pareas de Chaul, que lhe no forom carregados per seus escrivães, por dizerem que os haviam de arrecadar Diogo Rodriguez, de que houvera de trazer tambem estormento... E porque as ditas cousas... nom podem aqui ir expressamente decraradas por serem muitas... mandamos dellas fazer um caderno... o qual enviamos á India a Fernam de Alcaceva pera per elle cosiranger o dito Francisco Corbinel... e satisfazendo em todo n nelle conteudo... mandamos que lhe passe outra quitaçam, em (que) decrare que todo satisfez e entregou assi e na maneira que no dito caderno é conteudo, do qual mandamos tomar o terlado a Vasco Queimado, que ora tem cargo de provedor dos Contos, e dar o terlado doutro tal ao dito Francisco Corbinel, pera o ele levar á dita India e ter cuidado de o apresentar ao dito Fernam de Alcaceva. E com esta decraraçam e entendimento queremos que tenha e valha esta nossa carta de quitaçam, e doutra maneira nam. Dada em Lixboa, a 15 de fevereiro, Gonçalo Fernandez a fez, de 1518. — *Chancellaria de D. Manuel*, liv.º 9.º, fl. 51; liv.º das *Ilhas*, fl. 209».

«Esta carta de quitação é muito interessante por nos revelar as datas relativas á primeira occupação de Goa. Pelo documento, posterior apenas dez annos aos successos, vê-se haver Affonso de Albuquerque entrado na cidade indiana em 1 de março de 1510, e ter lá permanecido durante dois mezes e vinte e sete dias, sendo forçado o abandonal-a a 17 de maio. Estas são as datas da carta de quitação; encontram-se ellas porém com grande variedade nos chronistas.

Quanto á data da entrada em Goa, achamol-a posta no

dia 17 de fevereiro por Castanheda no *Terceiro livro da Historia da India*, por João de Barros na *Segunda Decada da Asia*, e por Damião de Goes na *Chronica de D. Manuel*; nas *Lendas da India* affirma porém Gaspar Correia, ter ella tido logar no dia 1 de março, como asseverа a carta de quitação, e quasi o mesmo se encontra nos *Commentarios de Afonso de Albuquerque*. Ahi declara-se ter sido a tomada de Pangim a 28 de fevereiro; a proposta para a entrega de Goa, mediante certas condições não acceitas pelo Governador, no dia seguinte; e finalmente ao outro dia, 2 de março, o ingresso na cidade.

Pelo que toca á data da salda, tambem divergem as opiniões: Castanheda e Barros, continuando a concordar, põem-n-a a 31 de maio, ao passo que Damião de Goes, discordando agora, a adianta um dia; Gaspar Correia tral-a para 23; e os *Commentarios* declaram ter ella tido logar na sexta-feira 20 de maio, no que se enganam, porque a sexta feira foi a 17, no proprio dia designado pela carta de quitação.

Esta é comtudo tão precisa, tanto mais proxima dos factos, e tão merecedora de credito por dizer respeito a responsabilidades por contas tomadas dia a dia, que a sua autoridade, na minha opinião, deve sobrelevar á de todos. Poder-me-hão objectar que o proprio documento, a que dou tanta fé, erra logo no principio a data da recuperação de Goa, assentando-a a 8 de novembro de 1510, quando é bem sabido ter ella tido logar no dia de Santa Catharina, 25 daquelle mez. Parece-me comtudo facil occorrer ao reparo. Albuquerque partiu de Cananor nos principios de novembro com o fito posto em recobrar Goa, e levou as suas coisas já dispostas para isso, e entre ellas o cargo da futura feitoria outra vez entregue ao antigo feitor, sobre cuja responsabilidade se começaram logo a assentar encargos, e elle, ou, para ser mais conforme á praxe, o escrivão da feitoria abriu o livro de contas no dia 8 de novembro. Representa pois esta data, não o dia da conquista de Goa, mas o do começo, ainda em Cananor, da responsabilidade de Francisco Corbinel pela receita e despeza da feitoria de Goa».

TRES CARTAS, INEDITAS, PARA A HISTORIA DE DIU

(1537-154?)

Les détails sont l'âme de l'Histoire

[THIERRY].

(Conclusão do n.º antecedente)

II

Carta de Gaspar Veloso de Araujo a El-Rei sobre o cêrco da fortaleza de Diu; a morte do Rei de Cambaia e seu thesouro etc. (1)

«Senhor — Em moçambique soube como os Rumes «tinhão mandado fazer mantimentos ha xhaer (2) e outros «lugares || pareçeo-me mais seu serviço hir a Judea a «defender as fortalezas que ajudey a fazer e ganhar que «ficar em moçambique seruindo meus ofiçios em que logo «emtrava | ysto com tanto comtentamento como podem

(1) Corpo Chronologico, Parte 1.ª, maço 63, documento 18.

(2) Xhaer ou Xhael, como tambem usavam escrever os nossos chronistas, é o porto de Xael, na Arabia, entre Aden e o cabo Fortaque. Ahi arribaram os rumes em 1539 depois de Soleimão Pachá ter levantado o 1.º cerco de Diu, e ahi aportaram as suas armadas, nas variadas tentativas que depois fizeram para nos expulsar d'este porto.

«teer os que vieram bem despachados | dofiçios acrecem-
«tamento de moradias tenças e merçes e pagamentos do
«que lhes devião. | das quaes comas eu nenhum despacho
«ouve | peço a vossa Alteza pois sabe que para XXX
«anos que syrvo e os mais deles nestas partes e a todos
«do meu tempo tem feyta muyta merçeo que a mym non
«fez por eu não ter padrynhos que por mym Requeresem
«e apresentasem meus serviços | Vossa Alteza a mande
«ffazer a quatro filhos e a mynha mullier que la leixo
«mortos de fome | pois vim syrvir tam longe deses Reynos
«e ponho a pesoa E a fazenda em huma fusta de que me
«o viso Rey fez capitão por que he costume do verdadeiro
«portuguez seruyr tambem e melhor nos tempos da neçe-
«sidade sem merçee | como na bonança pedila.

«Afirmão sera jente dos Rumes $\overline{XY}$ (1) homens por
«todos nos hiremos $\overline{VJ}$ (2) portuguezes da vitorya ser nosa
«eu fico por fiador a Vossa Alteza por que sam mouros de
«desvairadas terras e lingoas sem liança de parentesco
«nem baldade nus aos outros | sem fee nem amor a seu
«Rey nem ha terra e seu sange nem nobreza | e nos os
«portuguezes hum deus no çeo hun Rey na terra muito
«çercados de vergonha amor e liança huns com outros |
«e por estas Rezoes nam sey quem ousara de nos come-
«ter. || Alem de leuarmos diante as quynas e cruz daquel-
«le por cuja ffee e seruiço de vosa Alteza desejamos de
«morrer. || Ja nos noso senhor da vitorya tem mostrado
«synaes estando Dio çercado por mar e por terra | o
«capitão quiz fazer forte o muro donde esperava a batar-
«ja por estar fraco fez lhe de dentro hum contramuro de
«terra muyto forte | . cavando A gente acharão de baixo
«da terra dous tanques cheos de poluora em que avia
«mais de XX pipas de que os mouros nem christãos
«nunca soubcrão avendo na fortaleza ja neçesidade

(1) Quinze mil?
(2) Seis mil.

«dela | . E pois o senhor deus nos Responde com polvo-
«ra em tal tempo da vitoria he bem que tenhamos grande
«esperança pois somos christãos e em tudo e per tudo
«temos justica e verdade e os Rumes naão | . afirmo a
«Vossa Alteza que estaão os portuguezes tam alvoraçados
«pera estas vodas asy a Jente nobre como toda a outra
«que não ha homem que cuyde sela causa propea | . e
«depois de nos o senhor deus dala vitorja e os Y Rumes
«dadem avidos a maão nam são estes os XXX anos que
«tornão fazer Armada | todavia Vossa Alteza proveja
«com gente Arinaas artelharja de que ca ha grande falta
«e muito maior non a X annos que esta feyta fortaleza
«no estreito por que com ela se seguira a Indea e daque-
«ala banda se fecha com chave | e os direitos dalfandega
«que se hy pagarão abastara pera os gastos da forta-
«leza | .

«El Rey de canbara (1) foy morto E o seu tisouro que
«estava em Dio tambem pois Vossa Alteza ho nam ouue
«nem os portuguezes que ho ganharão con tantos traba-
«lhos darmadas e ffome no mar E na terra Vossa Alteza
«em foro de conçiençia he obrigado mandar pagar as
«partes o que lhe vinha | E sobre jso muy estreytamente
«mandar prover porquo segundo a enformação Achey Em
«christãos E mouros que o bem sabe poder se thomaar
«feez com mais de quatro contos douro que muytos virão
«dentro em dio em lxxx by (2) cofres ferrados A fora A
«pedrarja e perlas E aljofar que dizem que he tudo de
«tamto preço que se nam pode creer Acreçente deus e
«prospere vida e Real estado de Vossa Alteza de Goa a
«x b i i j.° dias doutubro de 538.—

Gaspar veloso daraujo—»

Este documento é verdadeiramente precioso para a

(1) Cambaya.
(2) Oitenta e seis?

historia de Diu. E' datado de 18 de outubro de 1538, e em 4 de outubro d'esse mesmo anno começa o cerco regular de Diu, cujas operações preliminares de guerra principiaram em 26 de junho. Não guarda a historia da India o nome de Gaspar Veloso; mas elle diz na sua carta que era soldado que ajudava a fazer e ganhar fortalezas na India e que partira de Moçambique a defender Dio. Parece, pois, que foi um dos defensores do famigerado 1.° cêrco.

Era portuguez que amava a patria distante e não deixára ahi accesa a lampada protectora. D'isso se queixa, em expressões rudes e claras, offerecendo os seus trinta annos de serviços como penhor á esmola, que pede, para a mulher e quatro filhos. Devia de ser um desses valorosos e altivos portuguezes, em quem o intimo despeito, pelo esquecimento ou negação da recompensa merecida, mais acendrava o patriotismo. Lembra esses galhardos guerreiros que morriam na historica Fortaleza, por entre a algazarra da mourama e o esboroar das muralhas, evocando terna e piedosamente o nome da mãe distante ou da aldeasita do Alemtejo, para cuja Misericordia testavam os poucos cruzados, que os intervallos da guerra deixavam economisar no trafico da pimenta e da canella (1) !

Veloso falla na morte do rei, ou melhor do sultão do Guzerathe. Como se sabe Bahadur foi morto em Diu em 14 de fevereiro de 1537, e são concordes os nossos chronistas e escriptores indianos sobre o valor do thesouro encontrado por D. Nuno da Cunha no seu palacio da então cidade e hoje Praça de Diu. Falla Veloso em 86 (?) cofres ferrados, aonde *muytos virão dentro em dio com mais de quatro contos douro*, mas Lopo de Sousa Coutinho, que assistiu á morte de Bahadur, diz que se encontrou na

(1) Vid. um interessante folheto do sr. Gabriel Pereira, intitulado *Evora e o Ultramar* (*Balthazar Jorge em Diu* etc.), pag. 7.

cidade muito material de guerra, cavallos etc.; bastantes mantimentos, muitos navios no posto, e *Nas casas do Sultão, e em as de sua mãe foi achado algum pouco de ouro amoedado, e prata e moeda de cobre* (1). Dão versão semelhante Gaspar Corrêa (2) e Diogo de Couto (3); o mesmo faz o veridico Castanheda (4).

Entre os nossos correu, porém, em Diu que o thesouro de Bahadur era fabuloso, e que Nuno da Cunha se apropriára de maior parte d'elle: — para El-Rei segundo uns, para si segundo outros. D'ahi a intimação cathegorica de Veloso a El-Rei: — *Vossa Alteza em foro de consciencia he obrigado mandar pagar as partes.* Afinal, era a ambição de todos se quererem locupletar com os despojos do Sultão, que os fazia fallar assim, porque o certo é que Nuno da Cunha não tirára do thesouro de Bahadur *mais que cinco moedas d'ouro, para as mostrar a El-Rey em Portugal, por serem formosas e grandes.* (5)

João de Barros, escrevendo com a clareza e pormenorisação que lhe são peculiares, diz: *O que se em casa d'El-Rey, e da Rainha achou em moeda douro, e prata, e algum metal por lavrar, dizem que serium duzentos mil pardáos* (6), porém os que se lembravam dos thesouros herdados por Bahadur, e em seguida conquistados por elle em Mandú Chitór achavam pouco o encontrado em Diu, após a sua morte. Barros menciona, a seguir, as enormes despezas que Bahadur fizéra para nos expulsar de Diu e guerrear os mogóes, as quaes montavam á importante cifra de *dezanove contos d'ouro*, e assim explica, em grande

(1) *Historia do cerco de Diu*, pag. 85.
(2) *Lendas*— t. 6.°, pag. 783. Diz que parte do dinheiro fôra tirado pelos proprios guardas, que Nuno da Cunha mandára para a residencia de Bahadur.
(3) *Decadas*—Tom. II, part. I, pag. 112.
(4) *Hist. do Descobr. da India*, Vol. 8, pag. 391.
(5) Barros—Dec. IV, liv. X, cap. XXII.
(6) Cit. Dec., liv. VIII, cap. VII.

parte, a razão de tao pouco se lhe ter encontrado em as suas casas de Diu.

Os taes *cofres ferrados*, a que se refere Veloso, devem ser aquelles de que fallam alguns dos nossos chronistas, quando se referem à fuga de Bahadur para Diu, perseguido pelos mogóes. Lá diz o nosso Francisco d'Andrade: *de que acho escrito que erão cento e vinte cofres de cobre pregados, e em cada hum delles trezentos mil pardáos de ouro, afora muyto mais que se não leuou por ser em moedas de prata, e hum cofre com mil adagas douro, e outro que pesaua coatro quintaes, cheyo daljofar e perolas* ...(1) Gaspar Veloso não estava em Diu, ao que suppomos, quando foi morto Bahadur e falla por informações; por isso, naturalmente, confunde a lenda popular com a veracidade historica e dá a conta dos taes cofres ferrados.

III

Carta de Alvaro de Mendonça, expondo o El-Rei terem os Rumes levantado o sitio d'esta cidade (de Diu) (2)

«Senhor — por Diogo Botelho (3) esprevy a Vossa «Alteza como o hya servir nestra empreza dos Rumes «os quaes foram muy ditosos em nos não agoardarem «porque çertefico a Vossa Alteza que segundo as vonta-«des os omes leuauão pera o seruir outra tamta armada «que fora Vossa Alteza alçara (*sic*) a vitoria. | e certifi-«co-lhe que se nesta terra tiueramos quem nos gouerne «como compre a seu seruiço bem pode Vossa Alteza dor-«mir o sono seguro e emquoanto isto não tiver crea que

(1) *Chr. de D. João III.* Parte III pag. 44.
(2) Corpo Chronologico, Parte 1.ª, maço 4, doc. 51.
(3) O arrojado Botelho (da fusta) que da Iodia foi a Portugal levar, em primeira mão, a noticia da cedencia do Diu a Nuno da Cunha.

«os mesmos gouernadores são os proprios Rumes asy «pera a terra como pera os fidalgos que nela seruem. | «asy que se la diserem a Vossa Alteza que os Rumes «estam em çoez pergunte a quem lho diser como o vyo «ou quem troxe esa noua ou per omde o soube por que «eu ereo que lho não sabera dizer porque depois que se «erguerão de sobre dio ninguem soube pera omde yão «nem ouveo quem mandase atras eles ate os meter por «as partes do estreito | porque como o viso Rey soube «que erão idos de sobre dio logo desfez a armada e cada «hum foy pera seu cabo | o quo qua nos pareçeo mal. «porque não sabiamos se virião de mar em fora ter a «goa despois que o viso Rey fose em dio ou se semete- «rião em algum Rio do malauar ou yrião sobre ormuz «o qual podião muy bem fazer por terem os ventos a «popa | asy que des deste tempo ate agora nunqua se «mais fez o que compria a serviço do Vossa Alteza como «ele la sabera dos homeens que la vão e dos que qua «ficão por que certo non ficara qua nenhum se tinerão «por omde se yr e isto não por fugirem do seu serviço «se não por verem cousas que são em sen deserviço | «por quo não esperauamos os que qua vos servimos que «nos mandase qua omem que nos desomrase com nos «chamar o Raqueintos da India. e estas são as merces «que nos cada dia faz | e o porque nos queriamos yr de «qua era porque em chegando nos dise que ele não avia «de fazer aos omens que qua seruião ninhua merço senão «aos que trazia comsygo | . e isto esprevo a Vosa Alteza «por que não he prageyar senão falar verdade porque «isto e outras cosas mo ficou de meus avos: e mais em «cousa de seu seruyço por que sempre o farey e nisto «não são eu soo por que la vera mais de hua duzia de «cartas em que comtem mais largamente as cousas do «viso Rey | . o qual chegou a Imdia com cuidarmos que «vinha para Rimyr e segundo as nouas vosa Alteza ca «tera mais me parece que veo pera a perder | . porque «hua das cousas que o viso Rey punha culpa a nuno da

«cunha era não ter armada prestes | quoamdo o Viso «Rei chegou que foram a dez de setembro não avya mais «por deitar ao mar da armada senão a gale bastarda e o «galeão Reis magos e duas gales podres que foram del «Rey de cambaia | o agora são oyto de Janeiro e com «sabermos que os Rumes podem vyr em quoaremta dias «de çoez a esta eosta eomo vyerão quoamto mais dadem «que eles tem por sua porque eu çertifico a vosa Alteza «que asy esta o viso Rey descuidado como que estiuese «em portugal sem aver navio nem galee e esas que ahy «a não a hy comçertalas nem na Ribeira não ha hu pe- «daço de tauoa pera deitar a hum galeão | . Ja estopa «nem breu pera brcar hu catur não ha hy todo este verão «esteue o almazem e as ferarias de Goa sem fazerem hu «so prego | o isto não he por falta de o nos disermos os «que qua desejamos o serviço de vosa Alteza | asy que «esta terra de maneira que se deus e vosa Alteza lhe «não socore tudo he perdido e aRecee mais o Viso Rey «pelas eonsas que qua faz que aos mesmos Rumos por- «que tendo nesta terra quem tenha os fidalgos comtemtes «Vosa Alteza a tera segura asy dos Rumes como do «mais | prouuera a deus quo tiueramos qua nuno da «cunha porque era pay dos fidalgos que Vosa Alteza «pudora estar deseansado | e quem la diz ontra eousa «he por que qua somos muito do nouidades e por que «nnnqua fomos comtemtes com o bem ate que veo o mal «e isto foy juizo de deus | e vosa Alteza achara que foy «asy | depois que estas naos ehegarem porque não ha y «omem que posa viner depois da vimda dos Rumes por- «que gastamos e nos empenhamos e asy era Resão | asy «que não ha ja qua quem nolo empreste nem o viso Rey «não no daa | e se la diserem a vosa Alteza quo o viso «Rey he amigo de dinhero não no crea que não he se- «não omem de muita comçiençia porque achou que as «Remdas que nuno da cunha ganhou pera vosa Alteza «que era mal leuadas e que era comçiençia leualas | o «qne em dio comtra vomtade de todos deu aos mouros

«dous terços dalfamdega com a Juridição da çidade e «logo el Rey de cambaya conheçeo qne fazia o Viso Rey «quoamto ele quizesse e mandou-lhe logo çerquar baça- «ym e aRecolher as Remdas da terra que o Viso Rey «nuy bem podera aRecadar com mamdar la em agosto «quinbentos omeens que amdassem dando goarda aos «que colhião as nouidades | e isto esperauamos todos «que o fizesse senão quoamdo sem o nimguem saber «e sem conselho que nunqua qua teve em ninhua cousa «quo fizesse mandou dar a metade de baçaym a el Rey «de cambaya o ele o não quiz tomar o Rioso disso e res- «pondeo que da fortaleza lho fazia merce e que lho dei- «xassem as terras asy que esta a cousa desta maneira. | «e asy em dabull omde seu filho dom alvaro perdeo a «gale bastarda não sey se por yso ou por que lhe quitou «mil candis de trigo e outros tamtos de dallroz que paga- «ua de pareas e que todo portugues que hay fose que «pagase direitos o que nunqua se fez ate gora e asy ou- «tras quitações que fez que não forem serviço de vosa «Alteza asy que do quo qua pasa non poso leixar de dar «comta a Vosa Alteza por qne cada hu lhe esprevera «seu pouco ate qne venha a saber tudo | Eu estava pera «me yr este anno be chegou amriquo de sousa e dise «que cumpria a seruiço de vosa Alteza ficar na Imdia | «Eu ffico pois he seu seruiço e ysto pera que se lembre «vosa Alteza de me fazer mercee de hu anno que ficou a «cristonão ile mendoça por seruir dorumuz com mais os «que vosa Alteza foi seruido e lhe eu mereço asy pelo «meu seruiço como pelo de meu pay no que Receberey «merçee | a quem deus prespere seu Real estado | de «cochym a biij do Janeiro de 504.—

Alvaro Hemdoça

*

* *

Esta carta tem evidentemente a data errada. Não pode

ser de 1504. Os proprios factos a que allude, são muito posteriores o pertencem ao governo de D. Garcia de Noronha (1538–1540), successor de D. Nuno da Cunha (1529–1538).

Vamos por partes.

Diz Mendonça: «*quando o viso Rey chegou que foram a dez de setembro*». Ora D. Garcia chegou á barra de Goa em 11 de setembro de 1538, segundo uns escriptores (1) e em 12, segundo Couto (2). No corpo da carta diz Mendonça:—*e agora são oyto de Janeiro*—, ratifica assim parte da data com que termina a carta; e como se refere á possibilidade da *volta* á India dos rumes, que mais acima diz—*que se ergueriio de sobre dio*—, se conclue que a carta foi escripta depois do 1.° cerco de Diu. Mais adiante recorda o governo de Nuno da Cunha, censura a entrega de dois terços do rendimento da alfandega de Diu a El-Rei de Cambaya, e refere-se ao filho do Vice-Rei que em Dabul perdeu a galé bastarda. Como Mendonça diz que esse filho se chamava D. Alvaro, é clarissimo que se refere ao filho de D. Garcia de Noronha.

Esta parte da carta tem sua importancia, para o nosso caso. Na armada que D. Garcia levou em soccorro de Diu, no final do 1.° cerco (o quando se sabia já em Goa da partida dos rumes), embarcaram, além de muitos outros fidalgos e capitães do renome, Alvaro de Mendoça, como capitão de uma fusta, e D. Alvaro filho do Vice-Rei (3) em uma galé. A armada sahiu de Goa em 20

(1) Gaspar Corrêa dá a data de 11 (*Lend.* Tom. IV, pag. 10), no que é seguido por Quintella (*Annaes da Marinha Portugueza* Tom. I, pag. 428) e por F. Andrade (*Chronica de D. João III*, Vol. III, pag. 269).

(2) *Decadas*, Tom. II. parte I. pag. 283—. João de Barros marca o dia 14 (*Dec.* IV Parte II. pag. 720 o 723). Mas parece haver confusão entre o dia da chegada do Vice-Rei e o da posse, que foi dois dias depois da chegada da armada. N'este ponto são concordes todos os autores.

(3) Ibid. pag. 457. Em outra galé ia D. João de Castro.

de novembro de 1538, com destino a Diu, e tocou em Dabul (1) em 30 d'esse mez, em virtude de um grande temporal que desorganisou a formatura dos navios, obrigando-os a arribar aos portos e abrigos da costa, consoante os seus calados d'agua. Então esteve perdida a galé de D. Alvaro e diz Couto (2): *D. Alvaro de Noronha na galé bastarda, que era velha, abrio-se-lhe toda, e com muito trabalho foi demandar a barra de Dabul. . . .*

Segundo se deprehende da leitura das *Decadas*, este temporal, que fez encalhar a galé bastarda de D. Alvaro no banco de areia da barra de Dabul, deu-se na viagem da armada do Vice-Rei de Goa para Chaul, nas alturas de Dabul. Segundo Gaspar Corrêa nas suas *Lendas* (3), o temporal manifestou-se já no golpho de Cambaya e depois da partida do Vice-Rei de Baçaim para Diu. No primeiro caso em fins de Novembro de 1538, e no segundo em principios de Janeiro de 1539. Não sabemos harmonisar estas datas, mas o que é certo é que a galé de D. Alvaro se salvou, e foi levada a reboque até Chaul pela nau *Santo Antonio*, do commando de D. Christovam da Gama, e durante a historica viagem para Diu.

D'estes factos foi testemunha presencial o nosso Alvaro de Mendoça, que morde na competencia profissional do filho do Vice Rei.

No final da sua carta pede o anno que restou de capitania de Ormuz, sem exercicio (4) por parte do provido,— que diz ser Christovam de Mendoça.

---

(1) Gaspar Corrêa—loc. cit. pag. 70.
(2) Loc. cit. pag. 458.
(3) Tom. IV, pag. 71.
(4) As capitanias da India eram então providas no reino por 3 ou 5 annos. Em geral por 3 annos. Muitas vezes em paga de serviços cabia o logar á irmã ou filha de um certo fidalgo fallecido, e n'este caso era uma herança que ellas vendiam em almoeda ou particularmente. No presente caso parece que era um logar de familia (por 1 anno não desempenhado) que se reclamava.

Christovam de Mendoça veio á India na armada de 1527 como capitão da náu *Santiago*, e despachado capitão da fortaleza de Ormuz. Chegou á barra de Goa exactamente quando estava para partir para Cananor o irrequieto Lopo Vaz. Este pediu muito a Christovam de Mendoça que, em vez de assumir a capitania de Ormuz, fosse para a de Cochim, o que não foi acceite e Mendoça seguiu para Ormuz, tomando posse em janeiro de 1528, e ahi falleceu em 1532. Foi seu successor Antonio da Silveira, o heroe do 1.º cerco de Diu, e cunhado de Nuno da Cunha, então Governador da India.

Parece, pois, que o nosso Alvaro seria parente do fallecido capitão de Ormuz e por isso reclamava a mercê de servir o logar, durante o praso da provisão real que se não tinha consumido na pessoa de Christovam de Mendoça.

A carta foi, portanto, escripta muitos annos depois de 1504. A data mais segura deve ser 8 de janeiro de 1540, porque o autor d'ella esteve em Diu na armada de D. Garcia (1539) e só depois de ter sahido de Diu é que poderia relatar a El-Rei os factos que menciona na sua carta, succedidos no decurso do ajuste de pazes entre o Vice-Rei e os de Cambaya, ou melhor do Guzerathe, e que têm a data (1) de 11 de Março de 1539. De tudo isto concluimos que Alvaro de Mendoça escreveu a sua carta de Cochim, em 8 de Janeiro de 1540, e depois da sua viagem a Diu, por conseguinte (2).

Um outro ponto controvertido pelos historiadores da India esclarece Alvaro Mendoça. Diz elle, no começo da sua carta, que escrevêra a El-Rei por Diogo Botelho. Esta declaração assegura a data que damos á sua carta,

---

(1) Vid. J. Biker—*Coll. de Tratados da India*, vol. I, pag. 80.

(2) Tanto na copia paleographica que possuimos, como no apontamento que tomamos na Torre do Tombo, vemos a data 1504. Parece-nos que a simples confusão de ordem nos algarismos das dezenas e das unidades motivaria o engano de Mendoça. Aqui fica a rectificação.

como a mais provavel, e resolve a duvida que ainda hoje ha, sobre se o Vice-Rei D. Garcia enviou effectivamente ao reino o celebre piloto e aventureiro Diogo Botelho Pereira, o mesmo que em uma arriscada viagem fora levar a D. João III a noticia da cedencia de fortaleza em Diu, no tempo de D. Nuno da Cunha.

Gaspar Corrêa diz mui explicitamente: — *O Visorey achando a India em tal ponto, fez logo prestes hum nauio com recado a El Rey, no qual mandou Diogo Botelho Pereira, que da India fôra na fusta etc.* (1). O annotador das *Lendas*, Lima Felner, salienta (2) que os outros historiadores portuguezes não fazem menção d'esta viagem de Botelho. Nós, conjugando o texto da carta de Mendoça com a data em que se deveria ter effectuado a viagem de Diogo Botelho para Lisboa (1538), devemos aceitar como inteiramente veridica a affirmação do autor das *Lendas da India* (3). Detalhe interessante, que nos revela o texto da carta de Alvaro de Mendoça. Durante a viagem Botelho inutilisou, depois de ter aberto e lido o seu conteudo, a correspondencia dos fidalgos amigos de D. Nuno da Cunha; e as cartas d'este a seu pae, Tristão da Cunha, entregou-as a El-Rei. Vingava-se assim do seu antigo odio contra o honrado Governador, desde a scena da partida da celebre fusta, que tanto desgostára este, como se sabe. Calculava assim entregar a El-Rei os segredos que o Governador confiava ao pae e inutilisar as noticias favoraveis a D. Nuno; porém, como vimos, a carta de Alvaro Mendoça é um famoso libello accusatorio contra o Vice-Rei D. Garcia de Noronha e documento elogioso para D. Nuno da Cunha, que escapou á sanha vingativa de Diogo Botelho. Se este o adivinhasse, não poderiamos

(1) *Lendas*, t. 7, pag. 14.
(2) Ibid. nota a pag. 14.
(3) *Lendas*, t. 7, pag. 96, em que Gaspar Corrêa repete a nova da partida de Botelho, e sua chegada ao reino.

hoje mencionar tão valioso documento. Foi um esquecimento verdadeiramente providencial!

Como remate a estas breves considerações sobre a carta de Alvaro de Mendoça, ainda devemos frisar outra coincidencia:—oito annos depois d'ella escripta, voltou á India o seu autor como commandante da náu *Ajuda* (1), e no anno immediato voltava tambem á India Diogo Botelho Pereira, como commandante da náu *São Bento*, da armada de D. Alvaro de Noronha, filho do fallecido Vice-Rei D. Garcia (2).

Malála (Diu), maio de 1905.

HERCULANO DE MOURA.

(1) Armada de 1548. V. Quintella loc. cit., tom. I, pag. 440.
(2) *Lendas*, vol. 8, pag. 687. — Falcão, *Liv. de Toda a Fazenda*, pag. 163 (segunda armada de 1538 e armada de 1549).

DOCUMENTOS

DO

Archivo da Repartição superior de Fazenda

I

Do nosso amigo e dignissimo sub-chefe da Repartição superior de Fazenda, o sr. Ribeiro d'Almeida, recebemos o curioso documento que segue, assentamento militar do grande poeta Bocage—, soldado da India como Luis de Camões, e observador como elle, mais caustico e cruel todavia, dos ridiculos do seu logar d'exilio. Agradecemos a interessante communicação, e esperamos de s. ex.ª mais documentos do importantissimo archivo da Fazenda, um filão riquissimo, ainda tão mal conhecido.

Poucos ha que não conheçam, por ter lido ou ouvido contar, uma ou outra anecdota attribuida ao popular poeta satyrico, Bocage. Por isso, a titulo de curiosidade, vamos apresentar aos leitores a copia d'um assentamento que diz respeito ao grande poeta, e que foi extrahida d'um

livro intitulado— «*Abertura dos titulos de officiaes do corpo de marinha do Estado da India*»,—cujo original ainda se encontra archivado n'uma das repartições publicas d'este Estado.

Eis a copia fiel do dito assentamento: «O guarda marinha Manoel Maria Barbosa Hedoy de Bocage, por carta patente de 4 de fevereiro de 1786, feita em Lisboa, assignada pela Rainha N. S. por Seu Decreto de 31 de janeiro do dito anno, e se registou em 18 de novembro de 1786, com o cumpra-se do governador e capitão general d'este Estado, e a dita patente se acha registada no L.° 2.° dos registos geraes a folhas 313, e o dito cumpra-se é datado de 13 de Novembro do dito anno, em um requerimento separado, que fica no maço 8.°, e o dito guarda marinha veio do reino na Náu N. S. da Vida, S. Antonio e Magdalena, na monção de 1786, que chegou a esta cidade em 29 de outubro do dito anno.

Pago 4 mezes e 2 dias de 29 de outubro de 1786 até fim de fevereiro de 1787:—81 xs. 1 tg. e 40 rs.—e n'esta data 41:01:40, para desconto de 5 mezes de soldos, restam 40:00:00.—Pg. 4 mezes de junho de 1787—80 xs., e n'estes abateu 40 xs. para o desconto de 5 mezes de soldos, restam 40:00:00 (40 xs.). Pg. 3 mezes de setembro de 1787,—60 xs. e n'estes abate 18 xs. 3 tgs. e 20 rs., que ficava a dever para complemento de 5 mezes de soldos que recebeu adiantado em Lisboa, e restam 41:01:40. Pg. 3 mezes até dezembro de 1787 60:00:00.—Pg. 6 mezes e 15 dias, de 14 de abril de 1786 em que partiu de Lisboa até 29 de outubro do dito anno em que chegou a esta cidade, a 20 xs. por mez, e abonado na folha de pagamento da guarnição da fragata S. Francisco Xavier e S. Antonio, do tempo de 3 mezes, até 17 de abril de 1788, e abonado em virtude do despacho á margem registado, 130:00:00.—Pg. 3 mezes até março de 1788—60:00:00.—Pg. 3 mezes até junho de 1788.—60:00:00.—Pg. 3 mezes até setembro de 1788—60:00:00.—Pg. 4 mezes e 14 dias de 1.° de outubro de 1788, até 14 de fevereiro de 1789—89:01:40.—Pg. 17 dias de 15 de fevereiro até 1.° de março de 1789; abonado na folha de 3 mezes até 14 de maio do dito anno, da guarnição da fragata S. Anna e S. Joaquim 11:01:40.

A margem do dito assentamento lê-se o seguinte: Embr. na fragata Terrivel Portugueza em 20 de dezembro de 1786. Partiu em 24 de fevereiro de 1787. —Abater este guarda marinha 5 mezes de soldos adiantados que recebeu na cidade de Lx.ª, nos soldos que fôr vencendo n'esta cidade, na forma do tenente do mar José Januario Jorge Leal de

fls. 59 v.° d'este livro. Apresentou-se em 23 de fevereiro de 1788, despacho da Junta da Real Fasenda de 22 do dito mez, para se praticar com este guardamarinha o mesmo que se observou no pagamento dos soldos ao tenente de mar José Jaunario Jorge Leal, na conformidade da Real ordem; e o dito despacho e reqt.° fica no maço do dito mez de fevereiro de 1788, e registado no L.° 3.° dos registos geraes a fl. 30 v.°.

Emb. na fragata S. Anna e S. Joaquim em 17 de novembro de 1788.— Para terra em 2 de março de 1789.

Passado ao posto de tenente de infanteria da 5.ª companhia do regimento da guarnição da praça de Damão, por carta patente de 26 de fevereiro de 1789, assignada pelo snr. Governador Cap.ªm General Francisco da Cunha e Menezes, por sua portaria de 25 do dito mez.— Registada em 2 de março do dito anno».

MAPPA DE GOA POR JOSÉ MARIA GONSALVES

E VARIAS COUSAS REFERENTES

(Subsidios para a historia da Cartographia Goeza)

No *Catalago* da Exposição de Cartographia Nacional, que em 1903-904 realisou a Sociedade de Geographia de Lisboa, organisado sob a intelligente direcção do seu mui digno Secretario Geral e notavel cartographo, o capitão de fragata sr. Ernesto de Vasconcellos, lê-se na secção *Estado da India*, que, entre os exemplares expostos, figurou sob o n.° 848, enviado pela Direcção Geral dos trabalhos geodesicos, o

> «*Mappa do territorio portuguez de Goa* dedicado á Rainha de Portugal D. Maria da Gloria. Extrahido do Original, desenhado e lithographiado por José Maria Gonçalves, Natural de Piedade d'Ilha Divar, primeiro desenhador n'officina do engenheiro-mór em Bombaim. 1829. Gravura colorida. Dimensões 1,m34×0,m63.
>
> Contém a vista em perspectiva das cidades de Goa e de Pangim e uma descripção estatistica por Mr. Tavernier. 1841»

Tinhamos, ha muitos annos, ouvido fallar d'este mappa, mas nunca o viramos. A leitura do *Catalogo*

suscitou-nos desde logo a curiosidade de averiguar e saber:

Existiria actualmente em Goa algum exemplar de tal mappa?

Quem foi—e a que familia da freguezia da Piedade pertenceu—o desenhador José Maria Gonsalves?

E principiando por aqui as investigações, conseguimos vêr, após breves diligencias, por favor d'um seu parente collateral, o sr. José Avelino Metello Gonsalves, da Piedade, um exemplar, bastante deteriorado pela acção do tempo, e, portanto, insufficiente para se fazer uma completa idéa, com alguns apontamentos a respeito de José Maria Gonsalves. Continuando ainda as pesquizas para encontrarmos outro exemplar melhor conservado, obtivemol-o, mas tambem deteriorado, graças á amabilidade do sr. Felizardo Sebastião Xavier, no valioso archivo de seu illustre avô Filippe Nery Xavier, que, segundo se verá mais adiante, collaborou para o mappa. Completam-se felizmente ambos os exemplares, supprindo um o que falta n'outro. «E com isto em mim entrou grande prazer», como diria Gaspar Corrêa, prazer de que, desejo, participem os leitores d'esta Revista, com a presente noticia do que é, e do muito que vale esse mappa.

Começaremos pelo autor, o que é de inteira justiça, e nos serve tambem para fixar a epoca em que se elaborou o mappa, e que não é, em absoluto, como se verá logo, o anno de 1829, indicado no *Catalogo*, havendo, quanto á designação «1841», simplesmente uma incorrecção typographica.

José Maria Gonsalves «primeiro desenhador na officina do engenheiro-mór de Bombaim», o que já de per si attesta o seu prestimo e talento artistico, foi

filho de Nazario Gonsalves e de Anna Natalia de Sousa, da Piedade. Nasceu a 29 de julho de 1800, casou com Maria Luisa Fernandes, de quem teve unica filha, e falleceu em Bombaim a 26 de fevereiro de 1845, tendo sido sepultado na egreja de N. Sr.ª da Gloria de Mazagão (1). Eis o que resa um pequeno caderno, contendo as notas genealogicas de sua familia, colligidas por seu irmão mais novo, o medico-cirurgião José Joaquim Gonsalves, que, depois de servir como delegado de saude em varios concelhos, falleceu ha poucos annos.

Conseguintemente o mappa é anterior a 1845.

E não vá sem advertir como digno de louvor e imitação é o procedimento do facultativo Gonsalves, deixando esse esboço genealogico de sua familia. A proposito escreviamos nós ha muitos annos: «Quanto á genealogia, é indiscutivel o seu valor historico, sem distincção de ser de patricios ou de plebeus, porque só aquelles não podem ter uns antepassados de que se honrar, ou uma longa successão de virtudes a perpetuar; e para estes ha um notavel exemplo de zelo pela guarda das memorias de familia, não direi nas estemmas de Mucio Scevola e de Paulo Emilio, mas no benemerito inventor do pára-raios e autor da

(1) No dia 27, e no corredor da egreja, pagando-se ao cofre da fabrica a importancia de 5 rupias. E' o que diz o respectivo assento, cuja copia nos foi benevolamente enviada pelo actual vigario da referida egreja, o mt.º revdo. sr. Luis Claudino Pêra. O asseuto é assignado pelo vigario Antonio Mariano Soares, que, ao depois, foi um dos quatro padres de Bombaim declarados benemeritos da Patria, pela sua adhesão e lealdade aos direitos do Real Padroado. Foi arcediago, thesoureiro-mór e chantre da Sé Primacial de Goa, e falleceu em Mapuçá a 14 de julho de 1872.

A filha unica de José Maria Gonsalves casou com Gabriel Maria Archanjo de Bragança, funccionario aduaneiro. Ambos falleceram deixando geração.

liberdade da America—Benjamin Franklin—o qual, sendo filho d'um humilde operario de origem ingleza, e podendo applicar-se o *genus meum a me incipit*, não quiz comtudo morrer, sem ter pessoalmente verificado e coordenado, pelos registos parochiaes da *fatherland*, a sua linha ancestral» (1). Assim, quanto não seria para estimar que cada familia de Goa, seja qual seja a sua procedencia, tivesse o seu archivo, o seu quadro genealogico, as memorias de seus antepassados, os seus registos domesticos da administração quotidiana, como, entre os antigos romanos, os seus *tablina, stemmata, commentarii diurni* e *rationalia*, tão bem aproveitados pelos escriptores da latinidade? (2). Com semelhantes documentos na mão, escriptos singela e despretenciosamente, conforme a successão dos factos, dia a dia, muito facil seria proceder á reconstituição da vida antiga, domestica e social; muito teria a lucrar com isso a historia, dando-se unidade e consistencia a essas composições fragmentarias, que são os seus materiaes mais seguros. A obra é grande e carece do auxilio de todos os braços e de todas as vontades. Acarrete cada qual uma pedrinha para o monte commum. E valha pelo menos este exemplo de casa aos chefes de familia, que ainda não tenham adoptado tão boa pratica. Comtanto que todos escrevam com verdade, grandes e pequenos, tendo em vista, uns como recordação, e outros como incitamento, a expressiva maxima de Joseph de Maistre:—«nada do que é grande, começou grande». Ainda mais: comtanto

(1) Relatorio de 11 de fevereiro de 1893, que precede o *Catalogo dos livros do assentamento da gente de guerra*, pg. VI.

(2) Veja-se Fustel de Coulanges, *La cité antique*. — e A. Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques, trad. sous la dir. de M. Chéruel*.

que se escreva com acerto e com uma calligraphia pelo menos regular, porque os posteros têm de lêr, entender e valorisar taes papeis. «Que o futuro dispense a paleographia», na pittoresca phrase de Thomaz Ribeiro (1).

O mappa (ambos os exemplares que temos á vista e dos quaes um — o do archivo de Filippe Nery— é todo colorido, conservando ainda vivas as côres, emquanto o outro apenas o é parcialmente) tem quasi as dimensões dadas no *Catalogo*,—traz, ao canto da extremidade inferior, a legenda de que foi desenhado e publicado por José Maria Gonsalves, e comprehen-

---

(1) N'uma carta dirigida em 1899 ao professor do ensino primario sr. Manuel Cid, agradecendo-lhe a offerta de albuns calligraphicos, o grande homem de lettras o estadista, n'aquella prosa attrahente e viva, que era o condão da sua penna, deixou consignadas algumas verdades que, sem duvida, serão lidas por todos com agrado e por muitos com proveito. Bom serviço prestou, pois, o sr. João M. Moreira, distincto professor do Lyceu central do Porto, inserindo no seu livro de leituras portuguezas para a 3.ª classe do ensino secundario, essa carta, do que recortamos alguns trechos:

« Vamos numa epoca, meu caro amigo, em que se cuida muito de ser doutor, mas em que ninguem (e quantos mais doutores, peor!) sabe ler nem escrever. Basta attentar em que não ha — ou quasi não ha — quem saiba escrever o seu nome. Eu consigo com muito trabalho lêr uma carta, certo de que com as minhas ha de acontecer a mesma coisa, — mas chego ao nome, e muitissimas vezes não sei quem me escreveu !

D'ahi quantas faltas de resposta ! Pois a quem hei do eu responder !

Diz-m'o ás vezes o contendo da carta; rarissimas os rabiscos da assignatura.

Eu mesmo que assim estou censurado ou lamentando os outros, quando assigno as minhas cartas, e tenho a velleidade de lêr o meu nome. leio sempre — Thomaz Ribo — o rarissimas vezes Thomaz Ribeiro.

Já houve tempo em que era signal do fidalguia não saber lêr nem

de, de cima para baixo, 4 divisões bem separadas, sendo cada uma um trabalho distincto, e de epoca differente, que procuraremos assignar com a possivel exactidão, seguindo a sua ordem sob os n.os I a IV.

I. E' a «Vista de Pangim tirada de Betim por Jozé Maria Gonsalves». A perspectiva abrange o antigo

---

escrever; os morgados entregavam-se á discrição dos seus feitores, e nem sequer se sujeitavam a baixeza de fazer contas; foi porisso que, ao cairem os vinculos, muitos feitores ficaram morgados, e muitos morgados, mendigos nocturnos.

. . . . . .

Ainda em tempo de rapaz — já era *Seculo das Luzes* — ouvi mães e avós que diziam ás creanças:

«Não te canses, tens muito de tou, não precisas de temperos para seres manjar appetitoso, e tens com que pagues aos mercenarios que leiam e escrevam o que tu quizeres».

E não vae muito longe esta doutrina monstruosa: deve ter sido por 1850, mais anno menos anno. Attesto que ouvi com estes ouvidos que a terra ha de comer.

Comece por isto a nessa regeneração; — menos doutores, e mais homens uteis e prestaveis. Que o futuro disponse a paleographia. Os cegos já sabem lêr melhor que os que têm vista.

Hoje sabe-se muito, versifica-se muito, discorre-se muito, declama-se e discute-se muito, é-se polyglotta, é-se encyclopedico, mas não se sabe lêr nem escrever».

Que se escreva com acerto, dissémos tambem. Vejam o que nos succedeu ainda ha bem pouco tempo. Tivemos á mão um MS. contendo a genealogia d'uma illustre familia de Margão, e, chegando ao ultimo quartel do seculo XVIII, encontramos o seguinte: F... nasceu em... e foi baptisado na egreja de N. S. das Neves do Rachol em..., sendo seu padrinho «Gustavo Adolpho Herculss de Carmonâ, coronel d'artilharia». Estacámos. Era impossivel que n'essa epoca tivésse existido em Carmonâ qualquer individuo com tão altos nomes e posto. Mas, não nos foi preciso muito esforço para o descobrir em outra parte. Sabem quem era? Gustavo Adolpho Hercules de Chermont, francez, official ao serviço de Portugal, que em 1774 veiu á India onde foi coronel do regimento d'artilheria, 1.º intendente de agricultura, etc. De Chermont, Charmont ou Clermont, como este appellido se vê em livros e documentos do tempo, um lapso de penna tinha feito Carmonâ! Quantos casos d'estes haverá por ahi que farão suar o topete aos investigadores?!

littoral de Pangim, desde um troço da ponte de Linhares, até ao forte dos Reis Magos. No Mandovy apparecem alguns barcos e, sobretudo, o historico bergantim, ultima reliquia da faustosa ostentação dos antigos vice-reis, em frente do palacio do governo.

A «Vista» é elucidada com as seguintes indicações ao pé, que textualmente copiamos, fazendo, onde necessario, a identificação com o estado actual:

Ponte.

Cazas de Gudal—já desappareceram, e no logar que occupavam, está hoje o edificio onde funcciona a Direcção das obras publicas.

Caza de moeda—é a que pertence hoje ao sr. dr. Miguel Caetano Dias, e de que, n'esta Revista, largamente tratámos no artigo *Os ultimos enforcados*, a pg. 242 d'este volume.

Estanco que foi do tabaco—é o actual quartel do corpo de policia (logar citado).

Bazar do peixe—não existe desde que, na antiga praça de Almeida, a oéste do grande quartel militar, se construiu o novo mercado de carne, peixe, flôres e fructas, actualmente denominado «mercado Conde de Ribandar» (1).

(1) N'uma columna levantada no centro do mercado, lê-se a seguinte inscripção, que é a certidão da sua origem:

Governando este Estado
O Contra-Almirante
Caetano Alexandre
De Almeida e Albuquerque
A Camara Municipal
Das Ilhas de Goa
Inaugurou este mercado
Com o nome de
Visconde de Ribandar

1881

Capella de S. Antonio — ha n'isto engano; é a de S. Thomé, mas a primitiva que estava em frente da rua 4 de abril (artigo citado, pg. 241).

Carcere — a antiga cadêa civil, onde é agora o edificio dos correios, telegraphos e telephones (ib).

Cazas de Collopo — destruiu-as um pavoroso incendio em a noite de 5 a 6 de dezembro de 1899. O terreno pertence ao Estado que o expropriou, mas ainda não foi aproveitado.

Contadoria Geral — onde actualmente funcciona a Repartição superior de fazenda.

Palacio e Secretaria — Quem desejar saber a transformação que têm tido os tectos do palacio, a sua fachada norte e bem assim a margem adjacente do Mandovy. é cotejar com o estado actual esta vista, a que apparece no jornal *Le Tour du monde*, 2.º vol., pg. 33, ou no *Archivo Pittoresco*, vol. VI, pg. 220, ambos de 1863, e a que dá Lopes Mendes no seu livro *A India Portugueza*, vol. I, pg. 98.

Caza d'Imprensa — a antiga casa chamada – da Feitoria –, pertencente, de ha muito, aos srs. Camotins (artigo citado, nota (1) a pg. 244).

Alfandega — sem o trapiche que se construiu entre 1841–42, nem o acrescentamento da parte occidental, feito em tempos modernos.

Cazas d'Ant.º Per.ª — Compunham-se de dois predios, um de sobrado como aqui se diz, que, por isso e pela sua extensão, se denominava *casa grande*, e é hoje o collegio de Nossa Senhora da Piedade, das Irmãs Trinas (cit. not. a pg. 244), — e o outro terreo, chamado *casa pequena* que, desde muitos annos, é propriedade e residencia do sr. general

---

Essa camara era presidida pelo sr. conselheiro Joaquim Mourão Garcez Palha, então Visconde, e actualmente Conde de Ribandar, motivo por que se mudou a denominação.

reformado José Frederico d'Assa Castel-Branco, bisneto, pela linha materna, de Antonio Pereira, homem de grandes cabedaes, que morreu tenente-coronel reformado do antigo exercito da India. E' n'essa casa pequena que, pelas $10\frac{1}{2}$ horas da noite de 21 de novembro de 1838, assistindo a uma soirée dada pelo official da armada, José Joaquim d'Azevedo Côrte-Real, que ahi morava, e estando a conversar com uma senhora a uma das janellas da parte do rio, então muito proximo, o secretario do governo Antonio Mariano d'Azevedo foi mortalmente ferido no peito por 2 traiçoeiros tiros de bala, que partiram do mesmo rio.

Cazas de D. Lourenço—repartidas actualmente entre varios proprietarios.

Novos Q.tes — o grande quartel militar, construido pelo vice-rei D. Manuel de Portugal e Castro.

Academia M.ar — corresponde-lhe o edificio em que presentemente, e desde o mez de dezembro de 1892, funcciona o lyceu nacional.

Velha C.a d'Acad.a — A que primitivamente pertenceu a Joaquim José de Silva, da Raia, e onde se estabeleceu em 1817 a Academia militar, fundada n'esse mesmo anno pelo Vice-rei Conde do Rio Pardo. Passou por muitos proprietarios; actualmente pertence á sr.ª Anna Joaquina Rodrigues, viuva de Germano Thomaz da Cruz, de Anjuna, e é residencia do sr. dr. Francisco Peixoto d'Oliveira e Silva, mui digno juiz auditor e professor interino do Lyceu nacional e da Escola normal. Proximo ficava o antigo caes da passagem de Pangim a Verém, que, por isso, se chamou por muito tempo «caes da casa da aula, ou caes da aula» (1). Esta denominação leva-

(1) F. N. Xavier, *Resenha circumstanciada das passagens dos rios etc.*, *Boletim do Governo* n.º 93 de 1864.

nos a crêr que tambem tivesse n'essa casa funccionado a «Aula de artilheria», predecessora da Academia Militar.

F. dos Reis Magos — transformado em lazareto.

D'entre todos os estabelecimentos designados, o mais moderno relativamente era a imprensa nacional, que dos quarteis havia sido transferida para a casa da Feitoria em 23 de setembro de 1840 (1). E', pois, de presumir que a «Vista de Pangim» fosse tirada depois d'esta ultima data. E deve têl-o sido entre 23 de setembro de 1840 a 18 de agosto de 1841, em que o governador Lopes de Lima, reformando a Academia militar, lhe deu o titulo de «Escola Mathematica e Militar. Quem sabe se ainda mais tarde, porque, embora a nova denominação fosse officialmente determinada, no geral durou muitos annos o velho nome radicado na tradição, e o nosso desenhador não se importaria muito com essa mudança. Em todo o caso, porém, antes de se construir o trapiche da Alfandega, que ficou prompto em fevereiro de 1842.

No «Specimen de typos da Imprensa Nacional», publicado em 1877, está a fl. 53 a gravura d'um trecho d'essa «Vista», reduzido, mostrando o espaço comprehendido entre a «Contadoria Geral», e a «Alfandega».

II. A 2.ª divisão, que é a maior, representa no fundo Goa toda, comprehendendo as Velhas e Novas Conquistas, conforme a antiga divisão por «provincias». Tem á direita, no meio d'um palmar, em que d'um lado se representa a colheita de mangas, e

---

(1) *Breve Noticia da Imprensa Nacional de Goa*, pelo sr. F. J. Xavier, pg. 11.

d'outro a de jacas, a seguinte legenda:

«Mappa | do Territorio Portuguez de | Goa | Dedicado á Rainha de Portug.ª | D. Maria da Gloria | Extrahido d'original dezenh.º | e lithographado | por Jozé Maria Gonsalves | Natural de Piedade d'ilha Divar | Primeiro Dezenhador n'officina do | Engenheiro Mór em | Bombaim».

E mais em baixo o frontispicio da egreja de S. Caetano.

A' esquerda:

A divisão geographica de Goa com a enumeração dos respectivos territorios: Ilhas, Salsete, Bardez, Angediva e as Novas Conquistas, desde Pernêm até Canácona;

O «Esboço do magnifico tumulo d'Apostolo | das Indias S. Francisco Xavier n'Igreja de Bom Jesus»; e

O «Plano figurativo da | cidade de Goa | comprehendendo o espaço de quasi uma milha e meia d'Oriente | a Occidente, e 3 quartos d'uma milha, de Norte a Sul»—. Com uma «explanação» em baixo.

Mais á esquerda d'este «Plano», um môcho pousando sobre um matagal e ruinas d'onde sáe uma cobra de capêllo e as seguintes legendas:

«*Oh Goa, Goa | In illo tempore cidade!* | Bocage.

Attrita est civitas vanitatis; clausa est | omnis domus nullo introeunte | Isais (1).

Bem difficil nos seria acertar na epoca em que, e o original d'onde José Maria Gonsalves «extrahiu» o mappa de Goa, embora a dedicatoria á Rainha D. Maria da Gloria dê já uma indicação, se não tomassemos nota d'um papel, aliás de trivial importancia,

(1) Cap. XXIV, v. 10. Eis a traducção do padre A. Pereira:

«A cidade da vaidade está demolida; fechadas se acham todas as suas casas, não entrando n'ellas pessoa alguma».

no qual se encontram informações curiosas, que não só esclarecem muito esses dois pontos, com a expressa menção do mesmo Gonsalves, mas ainda servem de subsidio para a historia da cartographia goeza. Não é um documento official, mas—quem tal diria—apenas uma necrologia de Cipriano Silverio Rodrigues Nunes, que occupou em Goa os mais importantes cargos e falleceu a 4 de abril de 1845, sendo administrador geral das alfandegas e director da alfandega principal de Nova Goa. Quem tal diria? repetimos. A's vezes, d'onde menos se pensa, sáe a descoberto o que por muito tempo se procurava com afan. As necrologias—*laudationes mortuorum*, como as denominavam os antigos romanos, que mui cuidadosamente as elaboravam e guardavam nos seus já indicados archivos—sempre ou quasi sempre passam despercebidas; mas, quando escriptas com verdade, e sem as hyperboles e certos requintes de estilo e sentimentalismo, que não raro chegam a provocar a hilaridade e a attrahir o ridiculo para os seus autores e a sua obra, podem ser valiosos elementos para os estudos historicos, como o são tambem outros pequenos escriptos de occasião.

Pois, é n'essa necrologia—pela sua extensão e substancia mais antes um esboço biographico—, firmada pelo pseudonimo Sertorius, que encobre o autorisado nome d'um dos filhos de Cipriano Nunes, Eugenio Justiniano Pereira Nunes ([10]),—é n'essa necrologia que achamos a origem e a epoca

([10]) Eugenio J. P. Nunes falleceu em 29 de setembro de 1878, official chefe de secção da secretaria geral do governo. A par da sua intelligencia e illustração, tinha habitos singularissimos, e contam-se ás duzias as anedoctas que se ligam á sua incofundivel personalidade. Residia habitualmente em Ordá, e distribuia pelos necessitados grande parte dos seus vencimentos. Morreu solteiro, acabando com elle a geração masculina de Cipriano Nunes.

do mappa em questão, nos seguintes trechos, escriptos «de caso pensado» no dizer do proprio autor.

«O sr. Cipriano tinha-se applicado egualmente á geographia; e d'ella feito um estudo especial. Esta sciencia era uma das paixões dominantes; e por isso tanto concorreu para a confecção do melhor mappa que ha do Estado de Goa, quer contribuindo com o seu contingente, para o tenente de engenheiros de Madrasta, James Garling, o qual fôra pelos annos de 1814, encarregado d'esta triangulação por aquelle Governo, tendo sob suas ordens alguns outros officiaes, quer para levar o mesmo mappa á perfeição.

«O referido tenente vendo que o sr. Cipriano era a unica pessoa de quem em Goa podia lançar mão para colher informações exactas d'este paiz, entabolou com elle relações de amisade, e por meio de uma continua correspondencia, a qual toda, que é immensa, temos em nosso poder, obteve muitas informações deste paiz que lhe foram de summa utilidade.

«Concluido que teve o mappa, recebeu ordem do Governo, para que d'elle extrahisse uma copia, e presenteasse com ella da parte do seu dito Governo ao ex.mo Conde de Sarzedas, sob expressa recommendação de não ser franqueada nenhuma mais a pessoa alguma outra; mas o tenente James Garling, movido do espirito de gratidão e de quanto o sr. Cipriano lhe houvéra sido util, lhe pediu (com o intuito somente de poder passar pela vista) que o mappa para o ex.mo Vice-Rei fosse elle mesmo que o offerecesse, como da parte do seu Governo, recommendando ao mesmo tempo, que se dignasse não mandar extrahir copia, á vista do precedente já referido. O sr. Cipriano não só não fez extrahir copia alguma, mas pelo mesmo portador, que o trouxe, o enviou ao referido Vice-Rei.

«Notou então o sr. Cipriano, que o mappa vinha

bastante inexacto, salvo a area; trocados os nomes das aldêas, e confundidos com os dos bairros; notou tambem, que não havia a divisão das provincias. Muitos annos se espaçaram depois dessa epoca, e não obstante o sr. Cipriano ter procurado possuir uma copia do mappa, nunca a pôde obter, até que, no anno de 1832, o capitão T. Jervis, dos engenheiros de Bombaim, hoje major, lhe franqueou um exemplar que ainda conservámos em nosso poder, com os mesmos erros, sem a divisão das provincias, e com os nomes escriptos no idioma inglez, segundo a pronuncia marata. Foi d'este mappa de que o sr. Cipriano se serviu, dando-se ao incommodo de o corrigir em quasi todas as suas partes. Em 1834 fez extrahir a primeira copia pelo desenhista João Fernandes, de Chimbel, o qual tambem extrahiu outra uma, para o ex.mo Brigadeiro Souto-Maior, com a permissão d'aquelle; mas a exacção ainda até então não tinha chegado ao seu termo, nem mesmo se achava feita a divisão em provincias; o que o sr. Cipriano levou a effeito em 1836, franqueando ao depois copias ao ex.mo Sr. D. Manoel de Portugal, aos srs. Francisco João Marques, de Macau, José Gregorio Pegado, José Maria de Sequeira, e muitos outros etc. Em 1839 foi tambem pelo seu filho, o capitão Manoel Nunes, hoje existente em Lisboa, offerecido hum exemplar ao sr. commendador Lagrange com um bello mappa estatistico das comarcas das Ilhas de Goa, Bardez, Salsete e Novas Conquistas (o mais bello de quantos se têm dado á luz e unico n'este genero com 21 columnas, com as seguintes dizeres, e sete notas— *Provincias* (sua divisão)—*comprimento em milhas—largura em ditas—superficie aproximada em ditas quadradas—população—numero das aldèas —capitaes e sua população— annos em que foram conquistadas—impostos territoriaes—principaes artigos*

da producção agricola—manufacturas e fabricas—qualidade de territorio—importação—exportacão—força de terra em 1838—marinha de guerra—religião dominánte—principaes rios—principaes portos—principaes montanhas) que o Sr. Cipriano elaborou e concluiu em 1838, um e outro, publicados na lithographia de Calcuttá nos principios de 1843, e ainda republicados em Bombaim pelo desenhista José Maria Gonsalves, com algumas alterações somente no estatistico *mutatis mutandis*. Com uma copia d'esse mappa estatistico foi tambem presenteada a Associação Maritima e Colonial de Lisboa, depois do meado de 1843, pelo dito sr. commendador Lagrange, e a mesma Associação o mandou lithographar, encarregando-se d'este trabalho o sr. commendador Antonio Lopes da Costa e Almeida. Ao acima referido ex.mo ex-Vice-Rei D. Manoel de Portugal bem nos lembra que foi egualmente remettida pelo sr. Cipriano na fragata D. Maria 2.ª, que largou d'este porto no meado de março do mencionado anno de 1839, uma copia do mesmo mappa estatistico, transcripto logo em seguimento do geographico que o dito ex.mo sr. deve hoje possuir. E no anno de 1840 nós tambem franqueámos, com sciencia do sr. Cipriano, uma copia d'este mesmo mappa estatistico, e do geographico, ao sr. Antonio Filippe Rodrigues, hoje pensionado do Governo da Companhia Ingleza; e estamos persuadidos que, por via de seu cunhado, o sr. Urbano Miguel Lobo, os referidos mappas — geographico, e estatistico — foram mandados lithografar no *Oriental Lith. Press* de Calcuttá.

«Todo esse enxame de mappas do Estado de Goa, lithographados em Bombaim, Calcuttá e Lisboa, todos são filhos do mappa que o sr. Cipriano corrigiu, e dividiu em provincias, comquanto no transcrever tenha havido uma e outra omissão e erro, que não

ha n'aquelle, de que o sr. Cipriano fazia uso principalmente no estatistico, e cuja versão tambem para o idioma inglez não foi feita fielmente em Calcuttá. Finalmente em o anno de 1841, o sr. Cipriano reduziu a ponto maior esse mesmo mappa geographico—a tres vezes maior—e somos nós hoje os unicos que o possuimos.

«Muito sentimos sermos tão diffusos na materia, que deixamos ultimamente referida; nós o fizemos de caso pensado para que o publico saiba de donde appareceram os bellos mappas, que ha d'este Estado» (1).

Como vêm, uma noticia bastante pormenorisada, completa, de satisfazer aos mais exigentes, e que dispensa amplificação. Vem, apenas, a talho de fouce relacional-a com um facto dos nossos dias. E' a carta do tenente J. Garling, que o considerado engenheiro, actualmente general reformado, sr. José Frederico d'Assa Castel-Branco, dignissimo director das obras publicas e professor de desenho no Lyceu Nacional, rectificou e additou, reduzindo tambem a escala ingleza á do systema metrico decimal. Conhecendo muito bem as differentes localidades, Goa inteira, que, no desempenho de varios serviços publicos, tem percorrido desde Patardeu até Polém, e desde Mormugão até aos Gattes de Tiném, — tendo, além d'isto, procedido, por vezes, junto com os funccionarios indo-britannicos á demarcação da fronteira, publicou esse nosso presado amigo e collega, após cuidadosas lucubrações, em 1878, a sua «Carta do territorio portuguez de Goa, correcta», que é a que geralmente está em uso, e que egualmente figurou na exposição da S. G. L., sendo mencionada no *Catalogo*

(1) *Boletim do Governo*, n.° 19 de 10 de maio de 1845, pgs. 10-11.

citado sob o n.º 849. Muito estimariamos que o sr. Assa fizesse uma nova edição d'esse seu importantissimo trabalho, em conformidade com o estado actual: circumscripção administrativa, linha ferrea, estradas reaes e municipaes, e outras particularidades. Seria mais um distincto serviço que o paiz lhe ficaria devendo.

(Continúa)

J. A. Ismael Gracias.

TROPAS INGLEZAS EM DAMÃO

(1801)

As tropas inglezas sob o comando do capitão White chegaram ao porto de Damão, provavelmente em 5 de novembro de 1801, no navio «Marquis of Cornwall», da Companhia das Indias.

O Governador da Praça não pôde dar agasalho immediato á avultada força, que o general Duncan enviou da cidade de Bembaim em soccorro d'esta cidade, com assentimento do então Governador e Capitão General Francisco Antonio da Veiga Cabral, postoque, muito contra a vontade d'aquelle Governador, ao tempo, Candido José Mourão Garcez Palha, que olhava no offerecimento britannico uma astuciosa cilada, = *algum estratagema* = no seu dizer em officio de 15 de novembro de 1801.

Depois de alojar uma boa parte d'essas tropas na casa do Senado e no convento hospitalar do S. João de Deus, teve de accommodar a outra, por força de circumstancias, no convento de N. Sr.ª da Graça (S. Agostinho).

No decurso do nosso estudo dos livros dos extinctos conventos d'esta cidade, que por uma feliz e providencial circumstancia nos vieram á mão, encontramos alguns curiosos documentos no livro das reselações e contractos de referido convento, do anno de 1764, a fl. 27 em diante, os quaes em seguida trasladamos.

I

«Assento e rezolução»

Aos 4 de Janeiro de 1802, propôz o M. R. Pe. Prior Fr. Antonio das Neves, aos R. Pes. abaixo assignados, que elle fôra no mesmo dia chamado pele Sr. Governador desta Praça Candido José Mourão Garcez Palha, que por este lhe fora dito, que para bem do

serviço do S. Alteza Real era indispensavel, que elle, e seos Religiosos subditos com toda a familia deste Convento sahissem fora delle, dentro daquelle dia, para entrar nelle a Tropa Ingleza, que vinha subsidiar esta Praça; que ello se oppuzera a osta sahida com quantas razõens, que então lhe occurrerão, ate protestar-lhe que sem ordens expressa do nosso R.mo poderia convir no que S. S.a lhe propunha, ao que tudo não annuindo o d.o Senhor, antes dando indicios, de que se por vontade não se despejasse da habitação deste dito Convento, por força o faria; que elle nesse aperto respondera ao dito Senhor, que elle por si só não podia decidir a este respeito couza alguã, sem que S. S.a por carta lhe ordenasse, o que bocalmente (*sic*) lhe expunha, para o que o dito Sr. Governador lhe disse a, que lhe satisfaria, como elle requeria, porem que ello viessso para o seo Convento e dispuzesse a sua sahida dentro daquelle dia sem maior replica; o que tudo quanto se passou na caza do dito Sr. Governador, o d.o M. R. Pe. Prior logo que chegou ao Convento patenteou aos ditos Pes., os quaes responderão que antes que experimentassem alguã desatenção, que servisse de ludibrio a Religião, devião logo dispor-se a mudança das suas pessoas o seo fato para outra alguã caza, e egoalmente o trem da cozinha e outras couzas necessarias daquella caza devia tomar se a alugueres para aquelle tempo que os Inglezes habitassem neste Convento, ficando outros trastos do mesmo Convento metido dentro do choro e da Igreja, trancadas as adufas, da porta do coro, e das das Tribunas, e a porta collateral da Igreja da parte do claustro, e a outra collateral das molheres servindo da entrada para Igreja e para Sacristia para aqui perfeitarem os Religiosos a noite, e revistirem-se para celebração das missas, ficando a porta principal da Igreja sempre fechada; o que tudo se executou como fica dito, tomando já humas cazas, de Domingos Pereyra, contiguas ao mesmo Convento, que de boa vontade cedeo com seis rupias de alugueis por mez, em quanto ahi habitasse os ditos Religiosos de dia, e toda a familia do dito Convento; em fé do que se fez este assento, para melhor constar em todo o tempo o que nelle vao declarado, no mesmo dia, mez, e era ut supra. — (aa.) *Fr. Antonio das Neves*, Prior — *Fr. Manoel de S. Maria*, Depos.o — *Fr. João de St.a Catharina*.

II

«Segundo assento»

Aos 10 de Março de 1802, propoz o M. R. Prior Fr. Antonio das

Neves aos Pes. abaixo assignados, que o Sr. Governador Candido Jozè Mourão Garcez Palha tioha-lhe escrito outra carta sobre a mesma materia de se agazalharem deotro deste Convento as Tropas Inglezas, que vinhão subsidiar esta Praça, em utilidade e beoeficio da Nação Portugueza, e que para constar em todo o tempo, que não por outra cooza, mas tãosomente pela de attender a evitar dezafeito a Religião se tinha cedido a referida introducção dos ditos Inglezes ex vi das ditas cartas e do mais que se passou no dia 4 de Janeiro do anno prezente, e vae expressado no Conselho desta data, convinha que as ditas cartas se copiassem abaixo e que as originaes fossem remettidas ao Ill.mo e R.mo Sr. Inquisidor Provincial. Assentamos todos que sim; em fé do que se fez este assento, em que se assignarão etc. (aa.) *Fr. Antonio das Neves* — e outros.

III

«Copia da 1.ª carta do sr. Governador»

R.mo Sr. Fr. Antonio das Neves — Com bom sentimento do meo coração vou a rogar a V. R.ma, que para beneficio do Serviço de S. Alteza Real queira dezistir dos claustros e cellas do seo Convento para se acommodar a Tropa Europea Ingleza quo tenho recebido nesta Praça por ordem de S. Ex.ª, da qual os seos officiaes me pedem o seo refferido Convento por ficar ao pé da parte da outra Tropa que se acha aquartellada no Deposito:

V. Rma. perdoe este grande inconmodo em attenção á necessidade absoluta que ha de agazalhar esta gente que nos vem de auxilio, e se V. Rma quizer de mim qualquer providencia, não tem mais que fallar-me que prontamente lha darei em attenção ao mencionado incommodo e ás muitas obrigações de que sou devedor a Sna Religião, e com particularidade ao Illmo e Rmo Sr, Inquisidor. Deus Guarde etc. Damão 5 de janeiro de 1802 etc. *(a) Candido José Mourão Garcez Palha».*

NB. A carta acima foi mandada muitos dias depois da sua data.

IV

«Copia de 2.ª carta do Sr. Governador»

Rmo. Sr. Fr. Antonio das Neves. — Para beneficio de S.. Alteza Real se faz iodispensavelmente precizo que eu recolha nesse convento

as Tropas Britanicas vindas auxiliar esta Praça para que o seo commandante me requer a te-las unidas a beneficio do sucego destes habitantes, o que V. Rma. como Religioso e eu como Governador devemos dezejar assim, queira V. Rma. nestes dous dias destinar morada para si e seos Religiosos e praticar-me o que quer de mim a fim de serem bem aquartelados — Deos Guarde etc. — Muito affectuoso Venerador (a) *Candido José Mourão Garcez Palha.*

NB. A carta accima foi dirigida a 10 de março do anno accima. (1)

*

* *

Vem a ponto algumas curiosas noticias a cerca do convento de N. S. da Graça, de Damão.

No Priorado de Fr. Custodio da Conceição, o convento pagava em 1769 á Fazenda, dos seguintes terrenos e aldeas: fôro da aldea Daloará Marvor 69 xs. 3 tgs. 20 reis; de tabaco (imposição) 60 xs.; foros do chão do tanque S. Miguel Carivary e Palhitas, 4 xs. 1 tg. 41 reis; quartel da horta Fulvary 26 xs. 3 tgs. 45 reis; quartel da horta Banegy (vulgo Bangy) Metta 12 xs. 3 tgs. 45 reis.

Dava de esmola mensal para a festa de S. Francisco de Assis 1 x. 37 reis (vide Liv. de desp. do anno 1763, fol. 70.) Pagava aos armadores da capella-mór e capellinha de S. Ritta de Cassia 6 xs. Comprou o convento em 5 — 1762, *quatro* copos de vidro para vinho por 3 xs. 2 tgs. Dava esmola «dos sepulchoras de S. Francisco e S. João de Deos 4 xs.». Os religiosos gastavam para «consoada do Natal 12 xs.; para colação dos rabequistas e musica 9 xs.; para jantar no mesmo dia e suas 8.as, 12 xs; para 3 frascos de vinho forte 3 xs.» (anno de 1765).

Este convento contribuia annualmente «aos Reitores do nosso Hospicio de Dio cem xs. e 2 murás de bate». Em 1815 já não havia em Dio essa reitoria, e á face dos documentos lidos, é de suppor, que no começo do seculo XIX a reitoria não funccionasse. (vid. Liv. unico das leis e determinações do Convento da Craça de Goa, pg. corrup).

(1) Outros promenores acerca da vinda do auxilio britannico deixamos consignados no livro *Noticias e Documentos para a Historia de Damão*, Vol. II pag. 104.

Pela resolução de 1-10-1800 o convento comprou ao negociante de Moçambique, Agostinho da Costa Ferreira, para o serviço do convento «um cafre *bom* e *grande* a quem se poz o nome de Francisco» pelo preço de 110 rupias chirinas.

No Liv. 1.º da confraria de N. Sr. dos Passos, se lê o seguinte a fl. 70 :—«Nesta Igreja do convento de N. Sra. da Graça annualmente se representa a sagrada Paixão do N. Redemptor hindo a sua adorada Imagem em procissão na tarde de sabado, vespera da 1.ª dominga da quaresma para a Igreja de S. Domingos (convento), e desta na tarde da mesma domingo vinda para aquella etc».

Na reunião da mesa da confraria, composta da flôr da nobreza da cidade, tocava-se o sino «como he custume». Desde 1767 até 1835 foram presidentes «do pio acto da Sagrada Paixão de N. Sr.» os seguintes devotos, cuja eleição era annual :

1767 D. Christovam do Carcomo Lobo, Governador da Praça.
1769 Pedro da Costa Bonicho, Gov.
1770 Henrique da Costa Franco, Gov.
1771 Pedro Antonio de Foyos Pereyra, Gov.
1773 Filippo José Ripado, Gov.
1774 José Placido de Matos Sarayva, Gov.
1776 A Irmã Anna Machado Loreyro de Serpa.
1777 Sebastião de Azevedo e Brito, Gov.
1778 Domingos Mascarenhas.
1779 Thomas de Villa Nova.
1780 Francisco da Silva Pereyra (por mordomo D. Bras Balthazar da Silveira).
1781 José de Oliveira Leitão de Souza, Gov.
1782 Domingos Mascarenhas.
1783 Vicente Luis de Souza.
1786 D. Christovam Pereira de Castro, Gov.
1787 A Irmã D. Maria Isabel Flôr de Monezes.
1788 A Irmã D. Maria Pereira do Paiva Quintal Falcão.
1789 Antonio Leite de Souza (até 1792), Gov.
1793 D. Christovam Pereira de Castro, Gov.
1795 «Hum certo devoto».
1796 José Francisco Anelo, Gov.
1798 Duarte Franco da Horta, Gov.
1799 A confraria.
1801 Caetano Francisco Gomes.
1804 Thomas Antonio de Castro Torrezão.

1806 Caetano Gomes da Costa, Gov.
1807 Vicente José Diniz de Ayalla.
1808 João Baptista Goethals.
1809 Manoel Ignacio Rancoza.
1810 João Bernardo d'Oliveira Nogar, capitão de mar e guerra.
1811 João Zarias de Bastos.
1812 D. Francisco de Castro.
1814 D. José Maria de Castro e Almeida
1815 Francisco Gomes da Costa.
1816 João Vicente Rancoza.
1817 D. José Maria de Castro e Almeida, Gov.
1820 D. Lourenço de Noronha, Gov.
1822 Vicente Salvador Rodrigues, Ouvidor.
1823 Antonio Maria de Mello—Presidente do governo.
1824 Joaquim José Xavier Henriques, Gov.
1825-33 Julião José da Silva Vieira, Gov.
1834-35 Antonio Lobo da Gama, Gov. —o ultimo.

Vid. cit. Liv. fl. 151 v. até 187. Por este livro se prova que o ultimo Prior d'este Convento foi Fr. João das Dôres, e não Fr. Antonio d'Assumpção, como se disse no cit. vol. II de *Noticias e documentos para a Historia de Damão*, pag. 245.

Devido a uma desintelligencia entre a dita confraria, em que tomava parte o Prior da Graça, Fr. Manoel de St.ª Maria, com o ultimo Vigario do Convento de S. Domingos, Fr. Antonio Raposo do Amaral, a confraria pela sua deliberação de 9 de março de 1821, resolveu que «a Procissão do Sr. dos Passos sahisse desta Igreja do Convento da Praça, como nos mais annos, e corresse as ruas desta praça, e voltasse para a mesma Igreja».

A questão entre os dois Conventos foi submettida á apreciação do Prior da Matriz e Vigario da Vara Pe. Querobino Ribeiro, o qual declara na sua carta que o mesmo Fr. Amaral estava «suspenso de Pregador pelo Ex.mo Sr. Prelado Diocesano, não pode, nem deve pregar». A questão toda se originou pela confraria dos Passos ter escolhido para pregador da cerimonia o Pe. Vigario dos Remedios, o que melhormente se mostra da carta bastante curiosa do dito Vigario de S. Domingos:—

«R.mo Sr. P. Prior (S. Agostinho). — He verdade que o R.mo Pe. Me. como não quer pregar; emquanto ao Vigario dos Remedios, não posso assentir que clerigo algum suba ao meo pulpito. Se que V. R.ma quizer, muito bem, quando não, creia, que não hade ficar o acto sem

sermão, por que seria vergonha e desdouro para a grande ordem dos Pregadores faltar no cazo semelhante, e descer ao mesmo tempo desdourar o pulpito pela sobida de hum *clerigo charlatão*, couza nova para mi. Posso affirmar a V. R.ma que temos hua excommunhão fulminada aos Prelados, que deixar sobir ao seo pulpito aos clerigos. Desejo a V. R.ma saude e felicidades etc.— Damão 9 de março de 1821. (a) *Fr. Antonio Rapozo do Amaral*». Vid. cit. liv. pag. 178.

Se Fr. Antonio do Amaral chegasse hoje á egreja dos Remedios, veria com immenso pasmo, que o seu soberbo pulpito, para o qual não queria então deixar subir o Vigario dos Remedios, o destino fez passar para esta egreja, e o papel talvez se trocasse entre elles.

Damão.

ANTONIO FRANCISCO MONIZ.

O PRINCIPE DE GALLES EM GOA, NO ANNO DE 1875

A India está fazendo preparativos para receber com todo o brilhantismo o seu futuro Imperador, cuja visita se espera em novembro seguinte.

D'um extremo a outro, os 300 milhões d'uma população miscellanea, retalhada em tribus, castas e crenças, unem-se n'um só pensamento, têm um só ideal: saudarem o herdeiro da corôa da Grã-Bretanha, por forma a não deixarem duvida de que vivem reconhecidos ao benefico regimen que os domina.

Ha trinta annos que, por identico motivo, se electrisaram de enthusiasmo, quando os honrou com a sua visita o que hoje cinge a corôa mais pesada e porventura a mais poderosa do mundo. Mas que de transformações n'esse lapso de tempo! A India de 1875 está completamente mudada sob o ponto de vista economico, social e politico, e quem hoje lêr o livro descriptivo d'essa visita, o magnifico *Prince of Wale's Tour — a Diary in India,* por W. H. Russell, que acompanhou o Principe como seu secretario particular e ao mesmo tempo correspondento do *Times* de Londres,—ficará de certo pasmado como, em menos de meio seculo, pôde o imperialismo inglez affirmar-se tão triumphante, traduzindo a sua energica

acção em tantas e tão proficuas reformas, sem embargo da diversidade dos caracteres ethnicos dos povos sujeitos.

A administração politica e financeira, a instrucção publica, o regimen municipal, a agricultura, o commercio, as industrias,— tudo se tem assignalado por um progresso devéras espantoso. O que então se achava na infancia ou apenas embryonario, tem attingido hoje plena maturação e virilidade.

O Principe de Galles, filho, tem, pois, o ensejo de vêr a India na phase da sua maior grandeza e opulencia, e visitar terras em que o Principe de Galles, pae, não entrou, quer por não pertencerem então á coróa, quer por falta de communicações que depois se facilitaram com a ampliação da rêde ferro-viaria.

Não nos interessa, porém, isso. O que nos interessa saber é: honrará o Principe de Galles de hoje, como o de 1875, com a sua régia visita esta estreita faxa de terra entre os Gattes plantada? E' ponto de duvida, mas o chronista da viagem d'aquelle anno deixou escripto: «*Todo o inglez deve visitar Goa, e especialmente um Principe inglez pode visital-a com proveito*».

No programma da viagem de 1875, que fôra previamente publicado, não entrou este paiz, resolvendo-se Sua Alteza a visital-o á ultima hora, já depois de estar prestes a sahir de Bombaim.

Entretanto, as citadas palavras do chronista, que o actual Principe certamente hado ter lido, e o facto de nenhum estrangeiro de nomeada, depois de chegar a Bombaim, deixar de vir visitar a decahida mas outr'ora opulenta capital do Oriente Portuguez, fazem mais que provavel que tenhamos breve, no meio de nós, o futuro *Kaiser* da India britannica; e, porisso, achei opportuno reproduzir aqui, em portuguez, a interessante descripção da visita de 1875, que se lê a pgs. 257–234 do mencionado livro:

«*1875 — Novembro 26* — Ás 5 p. m., avistamos o promontorio da Aguada, que fica ao norte da entrada do

rio, sobre que demoram Goa e Pangim. E' uma elevada montanha, de côr pardacenta, com edificios no seu alcantilado tôpo. Tem um forte ou antes uma muralha, na base da qual estão collocadas algumas peças.

Ás 7 p. m., o *Serapis* [1] e o *Raleigh* [2] deitaram ferro cerca de 2 milhas distante da costa, e o *Osborne* [3] esteve fundeado mais para dentro.

Passou-se a noite sem incidente algum, mas aquelles vapores tiveram o trabalho de impedir que officiaes portuguezes fossem dar as boas vindas ao Principe, porque então seria preciso dar outra salva.

Novembro, 27 — O sol matutino illuminava o brilhante costado do *Serapis*, o marcial volume do «*Raleigh*» e as elegantes linhas do «*Osborne*», e de seu irmão, o *May Frere*, [4] que descançavam sobre um mar de leite, cujas aguas iam lamber as margens dos verdes palmares que dominam a praia.

O numero dos botes e de lanchas a vapor, bergantins e escaleres que passavam entre aquelles barcos, dava um

---

[1] Era um navio de ferro de 6.211 toneladas e com capacidade para 2.000 homens. A sua machina era da força de 700 cavallos. Foi expressamente equipado para a viagem, como se podia conhecer pelas seguintes palavras encimados por um escudo, que se liam na pôpa: *India, Persia, China, Scinde, Burmah, Punjab.* A prôa era ornada com um grande capacete, cobrindo o distico *Heaven's light our guide.*

[2] Vaso de guerra, de 3.215 toneladas. Tinha 22 peças e 580 tripulantes; o seu casco era pintado a preto com ornatos de bronze á pôpa, entre os quaes se via um escudo de armas com a divisa *Amore et virtute.*

[3] Hiate real com magnificas installações. Acompanhava o *Serapis*, servindo de aviso. Tinha 2 canhões e 145 praças de guarnição.

[4] Hiate do governo de Bombaim. Fez outr'ora muitas viagens a Goa como *Marghuerite Crawford* do honoravel Rustomjee, e mesmo depois de ser transformado em *May Frere* trouxo aqui o governador Fitz Gerald no 2.º governo do conselheiro J. F. Peslana. Tinha machina dupla, 300 toneladas e 40 tripulantes. Veiu a Goa só para transportar o Principe de Galles da nossa barra para o Mandovy.

aspecto de gala á pequena esquadrilha, com a bandeira do Principe e o pavilhão inglez a fluctuarem nas aguas portuguezas.

Mais á terra, viam-se pequenos barcos de pesca ou costeiros com largas velas latinas e altas pôpas; mais além, uns montes de cumiadas regulares, que se lobrigavam no horisonte. Distinguiam-se tambem em certos logares uns comoros tumulares destacados, tão frequentes n'esta parte da India; e, muito proximo da praia, está o edificio do pharol, que parece uma casa fortificada. Para o sul divisam-se pequenas ilhas.

A povoação do Goa-Pangim fica na margem sul do rio, umas 3 milhas distante do continente principal. Do lugar onde nos achavamos, não nos foi possivel vêr a cidade, mas apenas conseguimos enxergar pelo binoculo um grande predio [1] ensombrado pelas arvores, e bem assim algumas outras casas mais pequenas.

A's 8 a. m., o Principe de Galles, de uniforme pequeno, e a sua comitiva, composta dos capitães Glyn e Tryon, commandante Durrant, etc., foram em 2 lanchas a vapor ao *May Frere*. O *Raleigh* accordou os echos com os seus enormes canhões, e antes que a salva terminasse, a fumarada que se evolava para cima em densos rôlos, tinha fechado á vista tudo, menos as pessoas que se achavam no convez.

Ás 8ʰ 45″ a. m., emquanto um escaler passava com toda a velocidade em frente da antiga bateria de agua do lado norte da enseada em que fica situada Pangim, os portuguezes deram uma salva real de 21 tiros e içaram a bandeira ingleza. Havia um ou outro tone pequeno no rio, mas nenhum barco portuguez ou europeu; e quando entravamos a bahia, passou em direcção ao norte, com muitos passageiros indigenas, um vapor, que

[1] Provavelmente o hospital militar d'esta cidade.

tinha sido fretado para transportar o Rajah de Kolapur, de Bombaim para o seu Estado. [1]

Os barcos de pesca eram ordinarios, feitos de grossas e toscas taboas pretas, tendo pôpas elevadas e protuberantes; os tripulantes, inteiramente nús; são hômens d'um aspecto repugnante, muito escuros como a maior parte dos naturaes da costa, e não parece pertencerem á raça dos indús que se vêm no interior do paiz. O seu turbante consiste n'um grosso panno, raras vezes limpo; e resume-se todo o seu vestuario n'uma estreita faxa de panno entre as côxas. Os seus remos são como as pás dos que preparam a cevada para a fabricação de cerveja, e têm muita similhança com os que se usam nas aguas de Bombaim, e que são paus com circuos chatos de madeira pregados á extremidade.

---

[1] Kolhapur é um Estado maratha dentro dos limites da Presidencia de Bombaim, governado por um Rajah sob a protecção ingleza. Tem de area 2.855 milhas quadradas e a sua população é cerca de 910.000 almas.

Um dia antes do Principe de Galles, vieram a Goa alguns principes nativos, que o tinham ido visitar a Bombaim, e que eram:

— o Marajah, Sivagi Rajá Chotropoty, de Kolhapur, da idade de 13 annos;

— Gangadhar Rau Balla Sahib Patwardan, do Principado de Miraj, de 10 annos;

— Rognuata Rau Saunto Bounsulé Bahadur, Sar-dessae de Praganã Cudale de Varim, de 12 annos;

— Vencot Rau Balta Sahib Gorpade, do Principado de Mundhol, de 15 annos.

Acompanharam-n'os tambem o coronel F. Schneider, Agente politico de Kolhapur, — mr. Hammik, Assistente politico de Varim, e Mahadeu Rau Vassudeo Brave, Secretario do reino de Kolhapur.

As comitivas dos Rajahs compunham-se de 200 pessoas, e suas guardas de 100 soldados uniformisados e armados com uma banda de musica de 25 praças, das quaes 18 eram filhos de Goa. Traziam tambem 20 cavallos e 6 carros.

Vieram a bordo do vapor *Puttiala* da Companhia *British India*, e foram recebidos aqui com todas as honras. Visitaram o pagode de Pangim, os edificios da velha cidade e principalmente a *thurta de Brahmapuri* no sitio que os portuguezes chamavam da SS.ma Trindade.

O rio para além da barra parece o Tamisa abaixo de Gravesend, e o seu invariavel caracteristico são os coqueiros, que lhe orlam as margens.

Ao passo que nos approximavamos, ia-se tornando maior essa similhança pelo aspecto de Nova Goa, que tem muito com a vellia Gravesend.

Desenha-se no horisonte o Palacio do governo como a velha *Falcon Tavern*, vendo-se ao lado do rio pequenos predios que lembram exactamente as antigas edificações para cima e para baixo de Rosherville. A léste divisa-se a cordilheira dos Gattes.

Quando o *May Frere* chegou á linha dos predios, accorreu ao caes uma grande multidão de gente, entre a qual se viam uns de casaca e chapeu alto, outros vestidos com um certo dandysmo, e mais alguns em trajos nativos.

Os portuguezes tornam-se n'estas terras muito morenos, e a sua tez natural carrega-se immenso na India, onde, mais para o sul, a gente adquire geralmente côres mais escuras. Os europeus pareciam indús *en costume*, e como havia inteira ausencia do elemento feminino, o contraste se fazia mais notavel aos olhos que se tinham acostumado a vêr em Bombaim lindissimas parsinas.

Logo depois do *May Frere* dar fundo á distancia de 100 jardas do Palacio do governo, largou do caes uma galeota tripulada por 18 homens [1], cujo uniforme lembrava o trajo da epoca da rainha Elizabeth. Os seus barretes, de côr escarlate, com largas e bem trabalhadas chapas de prata na frente, que se dizia serem de mais de 100 annos, podem vêr-se pintados n'um antigo quadro (creio que em Veneza), representando uma batalha naval

[1] O berganlim dos vice-reis tinha antigamente um numeroso pessoal: um capitão, 2 mucadões e 30 marinheiros, com os quaes se dispendia annualmente a verba de 3.238 xerafins, ou rupias 1.357. (Vêr o liv. da «*Origem da despeza*», do archivo da R. S. F.).

entre os turcos e os venezianos, na qual, na vanguarda, está um barco remado por homens com identicos barretes e divisas.

Quando chegou a galeota, dois estribeiros receberam o Governador (já não é Vice-rei) no portaló. O Principe esteve no topo da escada do convez, aonde foi recebido, com muita cortezia. S. Ex.ª o sr. Tavares d'Almeida, general de divisão da artilheria do exercito de Portugal e governador de Goa. etc. [1].

S. Ex.ª trazia ao peito .iunumeras condecorações pelos serviços prestados em China, Moçambique, etc.; estava acompanhado do senhor J. H. da Cunha Rivara, secretario; major Albuquerque. secretario militar [2]; tenente-coronel Pestana [3] governador de Damão (outra possessão portugueza perto de Bombaim); capitães J. J. Fernandes Arez [4], Fonseca e Lacerda [5]. estes dois ajudantes de ordens, sr. B. J. de Lorena, etc.

Após poucos minutos de conversa, o Principe, o Governador e as respectivas comitivas seguiram em galeotas para o caes de Nova Goa, onde havia absoluta falta de ordem. Embora não houvesse vozeria, tumulto ou apertado acotovellamento, podia-se, todavia, notar uma grande sofreguidão da parte do povo om cercar o Principe, e os dois robustos punjabis que levavam as espingardas do Principe, visto constar que a caça era abundante, exerceram mui salutar influencia em conter a multidão impaciente.

---

[1] Falleceu no palacio de Pangim a 24 de julho de 1877.

[2] Jeronymo Osorio de Castro Cabral d'Albuquerque, que regressou ao reino em 1878.

[3] O sr. Daniel Ferreira Pestana, general de divisão reformado do exercito de Portugal.

[4] Ao tempo tenente.

[5] Rodrigo Maria da Fonseca e Antonio Botelho de Lacerda Lobo, aliás tenente.

E' uma pequena localidade, não ha duvida; mas a enorme agglomeração, no caes, de pessoas de tão variegado aspecto, que fôra difficil dizer onde acabava o indú e onde começava o europeu, fez-nos admirar onde toda essa gente morava ou d'onde vinha, visto como fóra da cidade tudo são coqueiros.

Estavam formadas as tropas do governo—um batalhão europeu, um batalhão de sipaes e uma bateria. Os sipaes, que são commandados por officiaes europeus, tinham muita similhança com os nossos regimentos de casta inferior, e pareciam antes madrasis do que bengalis.

O seu uniforme era de côr azul e amarella. Os officiaes portuguezes, vivos, mas com uma compleição algo doentia. O batalhão europeu, á direita d'elles, extendia-se pela praça até ao Palacio do governo.

Apenas se precipitou o povo para dentro do recinto, fazendo um extraordinario alarido, movimentaram-se logo os dois officiaes montados, cujos cavallos talvez nunca houvessem passado por similhante prova, e o «apresentar armas» era já demais para elles.

O Palacio do governo, que não data de mais d'um seculo, encerra uma mui interessante galeria dos Vice-reis, (transferida de Velha Goa) [1], que governaram em nome dos reis de Portugal desde a fundação do seu grande imperio na India, até que os Vice-reis cessaram de o ser, substituindo-se o titulo pelo de simples Governadores. Podem esses retratos ser tão apocryphos como os dos Reis d'Escocia em Holyrood, mas têm um ar de genuidade, e vestem mantos, golas de renda, calção e meia de malha, casacos Vandick — verdadeiros gentilhomens.

Quer porque o clima fosse muito mortifero, ou porque enriquecessem depressa, certo é que elles se succediam

[1] Novamente transferida para o extincto convento de S. Caetano, convertido nos ultimos tempos em *Museu Real da India Portugueza*.

rapidamente. ás vezes dois em um anno [1], o que merece nota, dada a difficuldade das communicações entre a India e Portugal.

O Principe percorreu todos os aposentos com grande interesse, o, passado algum tempo, foi a uma sala que tinha os retratos dos Reis de Portugal e d'alguns dos seus proprios primos da casa de Coburgo [2], e ahi de pé, diante d'uma cadeira do honra, recebeu o Arcebispo de Goa [3] e o seu clero, e bem assim muitos funccionarios portuguezes que lhe foram apresentados pelo Governador.

O calor, embora não fosse insupportavel, produzia um mal-estar, e no edificio parecia ter-se alojado toda a população de Goa, que possuia de certo o caracteristico democrata de fazer cada qual o que bem quizesse.

Em seguida, Sua Alteza Real e o Governador embarcaram n'uma lancha a vapor, do *Osborne*, e foram 3 milhas rio acima a fim de visitarem as ruinas de Goa ou «Velha Goa», abandonada ha mais de 230 annos por causa da sua insalubridade.

Banha o rio os restos d'uma grande cidade—um arsenal em ruinas; palacios em ruinas; muros dos caes em ruinas; igrejas em ruinas—tudo em ruinas! Levar-nos-hia muito tempo registar aqui tudo quanto nos informavam os nossos amigos ácerca dos lugares que passavamos. Um d'elles dizia: «Fomos outr'ora grandes. Governámos vastas provincias n'esta terra. Hoje sois vós os

---

[1] Só modernamente tem succedido isso.

[2] Ha aqui um equivoco. Não foi na sala chamada de *docel* ou de *throno* que o regio hospede viu os seus primos, pois o quadro dos retratos da Rainha D. Maria II e d'El-rei D. Fernando (primo co-irmão do Principe Alberto, pae do actual Rei de Inglaterra) adornava e ainda continúa a adornar uma outra sala do palacio, que antigamente se chamava *sala de visita*.

[3] Não foi o arcebispo de Goa que estave ali, mas sim o presidente da junta governativa e deão da Sé Primacial, o mt.° revd.° Antonio Corrêa dos Reis Coelho, fal. em abril de 1898. O arcebispo D. Ayres d'Ornellas chegou aqui a 27 dez. 1873.

dominantes. Vêde o que nos resta de tudo! »

Vimos o local da Inquisição, do Aljube, uma magestosa Cathedral, grandiosas igrejas, capellas, conventos, casas religiosas sobre oiteirinhos cercados de arbustos e arvores, e isso espalhado em toda a área da cidade. Vimos tambem pedras que outr'ora marcavam as linhas das ruas e recintos dos palacios, caes cobertos de hervas e guindastes abandonados.

Goa! Queira ou não queira, vem á mente a *Inquisição* quando se menciona a cidade. Mas esta tem ou deve ter recordações mais nobres. A historia dos portuguezes na India tem a sua moralidade, e podia adornar a descripção de qualquer historiador-philosopho que escrevesse sobre a decadencia e ruina dos imperios.

Os portuguezes podem, sem duvida, pelejar com tanto valor como o fizeram em tempos idos, e se não podem fazer outro tanto no campo eminentemente pratico e de severa theologia como outr'ora, não têm permanecido ignobilmente atraz na senda da moderna civilisação.

Gama! Albuquerque! São nomes que evocam muito.

Goa é um logar que todo o inglez deve visitar e que especialmente um Principe inglez pode visitar com proveito. Se nos ufanamos dos nossos feitos e da nossa historia na India, e se nos envaidece a grandeza da obra da nossa raça, o aspecto das ruinas como essas que o Principe viu, deve levar-nos a pensar em investigar as causas que minam os fundamentos de poderosos Estados e dão em terra com a obra de estadistas e soldados.

No caes, estavam reunidos uma duzia de nativos de misero aspecto. As distancias são grandes, e ha mister andar a pé, se o forasteiro não quizer ser transportado em liteiras que so parecem com os panjams de Simla, aqui denominadas «machilas», — umas cadeiras com docel suspenso de bambús, quo os homens conduzem á cabeça.

O Principe e o Governador tomaram lugar n'uma d'es-

sas machilas [1], não sem riso, e foram á Cathedral, que dista meia milha do caes. Passa a estrada por baixo d'um grande portão em arco, tendo n'um nicho, por cima do arco e logo abaixo da imagem de Sta. Catherina, a estatua de Vasco da Gama, e dissoram-nos que todos os Governadores de Goa tinham por força de passar por este arco — *Aliter gubernator non potest fieri.*

Esteve alli ao tempo um meigo, bem-educado e amavel ecclesiastico [2] — d'esses que sempre se encontram n'aquelle sitio — o qual acompanhou o Principe no passeio pela cidade, explicando-lhe tudo.

E' de grandiosas proporções o interior da Cathedral, muito simples e pesado o exterior. Encerra imagens, capellas e muita douração, um grande numero de quadros de pintura, objectos antigos de prata, de fino lavor. Havia sómente sete fieis — todos do sexo feminino e nativos, e tambem todos diante d'um altar; pelo menos eram verdadeiros fieis, porque era uma surpresa a nossa visita. Onde estão os catholicos para quem foram levantados estes templos? Teriam sido estes uma obra da Fé e da Esperança?

Da Cathedral, seguiu o Principe para o Bom Jesus. No atrio, uma musica indú [3] saudou o Principe, que nunca d'antes ouvira igual. Um homem alto e magro, cujo principal vestuario era um enorme tambor suspenso ao collo, batia n'esse instrumento violentamente com uma mão, emquanto com a outra segurava na boca um medonho

---

[1] A pag. 232 do livro «*Prince of Wale's tour—a Diary in India*», que ja teve 2 edições, vem a gravura da machila, em que estão sentados o Principe e o Governador geral. Diz se que havia no caes alguns itens previamente mandados alli de Pangim para transportar os illustres visitantes, mas que o Principe preferiu a machila pela sua novidade. (Vid. o jornal *A Imprensa*, n.º 135, de 2 dez. 1875.

[2] Provavelmente o ml.º revd.º conego Francisco José Affonso, administrador que foi da igreja e casa professa do Bom Jesus.

[3] Esta representada n'uma gravura, *loc. cit.*

tubo de cobre, do qual soltava os mais terriveis guinchos. Ao lado, um rapaz que não tinha, é certo, o beneficio do tambor, mas que tocava dois cymbalos; mais dois rapazes tomavam parte, um com timbale, outro com simples tambor. A essa infernal ensurdecedora juntou-se o ruido dos repiques de todos os sinos grandes e pequenos, e bem assim os latidos de cães vadios.

Não vimos pedintes, certamente porque não havia a quem pedir.

O templo do Bom Jesus é principalmente notavel pelo tumulo de S. Francisco Xavier, homem que as igrejas de todo o mundo podem unanimemente consideral como um verdadeiro apostolo. E' de certo um dos mais bellos e ricos objectos que se podem vêr, mas está collocado n'uma capella muito acanhada e escura, não podendo, porisso, ser examinado com facilidade.

Foram abertos e apresentados os cofres, carregados de calices e outros objectos de ouro e prata para uso nas cerimonias religiosas.

O Principe, depois de vêr tudo isso, agradeceu aos ecclesiasticos que lhe haviam servido de guias, e seguiu de machila para o caes, onde appareceu um mendigo—um fakir—mas não recebeu cousa alguma.

O Governador levou o Principe para uma excursão rio acima n'uma lancha a vapor, mas não foram até onde tencionavam ir. Declararam, todavia, os portuguezes que se resolveram a essa excursão sómente para agradar ao Principe, pois, aliás, nem pensariam em sair n'um calor de 85.° á sombra.

Voltou o grupo a Pangim pelo rio—parece que não havia boa estrada pelo interior [1]—e saiu dos escaleres para embarcar no hiate.

---

[1] Havia e ha boa estrada.

Ao meio-dia largou o *May Frere* com o Governador e o Principe, com destino ao *Serapis*, onde foi servido um lunch á 1 e meia.

O Principe acompanhou o Governador e a comitiva ao vapor, com o que ficariam todos elles bastante lisongeados.

Ás 3 p. m., S. Ex.ª despediu-se de Sua Alteza Real, o qual esteve na escada do convez. O *Raleigh* arvorou a bandeira portugueza no topo do mastro grande, e deu uma salva de 21 tiros, subindo ás vergas os marinheiros».

J. B. Amancio Gracias.

INSCRIPÇÕES E EPITAPHIOS

EM LOUTULIM

NA EGREJA

I

(Na parte inferior da cruz do crucifixo assente no altar-mór)

Esta santa
Imagem ten-
do sido vl-
trajada pl°.
marata no
An.° de 1739 foi
Posta na pos-
sivel per-
feição no
An.° d'1796
Pl.° traba-
lho cvid.°
e lembran-
ça de hvm

grande pe-
cador ch-
amado
Celesti-
no

(No reverso)

Restau-
rada por
J. A. Isma-
el Graci-
as — 1 de
agosto
1899 (1).

---

(1) A respeito d'esta veneranda imagem, lê-se no *Ultramar*, n.º 2.027 de 9 de dezembro de 1899, o seguinte:

«No dia 26 do mez findo foi collocada no altar mór da egreja de Loutulim, uma grande imagem de Crucifixo, que se pode considerar uma reliquia historica. Encontrou-se entre as imagens velhas do deposito da respectiva fábrica, onde a foi achar, por indicação do sr dr. Gelasio de Faria (um dos principaes freguezes d'alli), o sr Ismael Gracias, um dos mais illustres loutulenses, o qual não só reconstituiu, com a sua pericia, o texto da quasi obliterada inscripção, que a imagem traz, mas, n suas expensas, a restaurou por completo, pois achava-se muito deteriorada, sendo hoje digna de vêr-se e attraindo o mais fervorosos culto. A inscripção, que é em caracteres antigos e alguns entrelaçados, póde lêr-se assim: = *Esta santa imagem, tendo sido ultrajada pelo Maratha no anno de 1739, foi posta na possivel perfeição no anno de 1796 pelo trabalho, cuidado e lembraça de um grande peccador chamado Celestino.* = Como se vê, o ultraje foi praticado na horrorosa invasão de Hari Pant, que em janeiro de 1739, saqueou e incendiou algumas aldeias de Salsete, invasão ainda hoje lembrada na tradição popular com o nome de *orlém rajic*. Na restauração do crucifixo conservaram-se, como em 1796, os vestigios das martelladas e fogo, que manifestam esse ultraje»

O que nos não tem sido possivel até hoje é identificar o autor do piedoso desaggravo de 1796, que apenas designou humildemente o seu nome, occultando o appellido. Por esse tempo apparecem dois Celestinos em Loutulim: Celestino de Mello, um dos bemfeitores da fabrica da egreja (F. N. Xavier, *Bosquejo Historico das communidades*, Parte 2.ª, pg. 143, — o Celestino Soares, um dos fundadores do cofre das Almas (cit obra e parte, pg. 144) Ou seria qualquer outro.

II

(No cruzeiro, ponto central)

Padrão de saudades e de lagrimas
A memoria
Do seu querido e bem amado filho
O padre
Antonio C. Sebastião Salvador da Costa
Cujos tristes despojos
Aqui jazem
Dedica submergido em inconsolavel dôr
Seu desditoso pae
Joaquim Vicente Manoel da Costa
No anno da graça
1870 1.º anniversario do finado que nasceu no
Anno 1845 aos 29 de julho, e falleceu
Em 1.º d'abril de 1869
Aos fieis pede-se um P. N. e A. M.
Pela alma do finado.

III

(No cruzeiro, ao pé do altar de N. S. das Mercês

A memoria
De
D. Praxides Maria Luiza
Berenguella de Figueiredo,
Nascida a 13 de julho de 1842,
Fallecida a 1 de março de 1875.
Filha solteira

Do finado
João Constancio de Figueiredo
E de
D. Maria Carolina d'Andrade e Figueiredo
Dedica
Este testimunho de saudades
A sua inçonsolavel mãy.
P. N. e A. M.
1878

IV

(No corpo, linha das portas lateraes)

A memoria
De
Antonio Floriano de Noronha
Nascido aos 4 d'outubro de 1847
E
Fallecido aos 11 d'abril de 1874,
Deixando do seu consorcio dois filhinhos
Os seus inconsolaveis mãy, esposa,
E irmãos
Em testimunho de pungente saudade
Dedicam esta lapida
P. N. e A. M.

V

(No corpo, mais abaixo)

A saudosa memoria

De
Caetano S. Dias
Filho de
Pascoal P. Dias
E de
Anna C. Rodrigues
Fallecido em os 27 de agosto de 1872
Da edade 22 annos e 6 mezes
Os seus paes e irmão
Joaquim do Rozario Dias
Dedicam esta lapida (1)
Em affectuosa lembrança
P. N. e A. M.

VI

(A' entrada da porta principal da egreja)

A saudosa memoria
De
Filippe Nery Xavier
Cavalleiro e Commendador da ordem militar
De N. S. Jesus Christo e Cavalleiro
Da N. S. da Conceição da Villa Viçosa,
Official-maior da Secretaria do Governo
Geral do Estado da India,
Director da Imprensa Nacional,

(1) Esta lapida não é a primitiva, que ficou partida e estragada ao tempo da renovação do tecto da egreja. O epitaphio era diverso do da lapida actual que foi collocada o anno passado.

Vogal de numerosas e importantes commissões
De serviço publico–durante
Mais de 50 annos
Socio correspondente
Da
Academia Real das sciencias de Lisboa
E de varias outras Sociedades Litterarias. Premiado
Nas Exposições Industriaes
De
Paris, Porto e Madrasta.
Nascido em 17 de março de 1801 (1)
E fallecido em 26 de maio de 1875;
E de
D. Clara Felicidade Fernandes Xavier,
Fallecida em 20 de janeiro de 1875,
D. e C.
Seu extremoso filho,
Filippe Nery Xavier,
Que do cemiterio de Pangim fez trasladar os

(1) Em 1901, por iniciativa do nosso amigo sr. Amancio Gracias, um dos mais distinctos filhos d'esta aldêa, unanimemente secundada por todo o paiz, celebron-se com grande solemnidade o centenario do nascimento de F. N. Xavier, tendo-se, entre outras demonstrações, collocado na parede frontal das suas casas, situadas ás Fontainhas em Pangim, uma lapide com a seguinte inscripção:

N'esta casa viveu e morreu
Filippe Nery Xavier
Nascido aos 17 março 1801
Fallecido aos 26 maio 1875
Homenagem dos seus concidadãos
No seu primeiro centenario
1901

Despojos dos ditos finados para este
Jazigo de familia em Loutulim sua terra natal
No anno de
1878
P. N. e A. M.

VII

(Na capella lateral, de N. S. da Piedade)

A memoria
De
Joaquim Lourenço Araujo,
Cirurgião-mor de artilheria,
Director do hospital regimental
E Lente substituto da Escola
Medico-cirurgica de Nova Goa;
Consagra este singelo testimunho
De saudade sua extremosa esposa,
D. Maria Quiteria Gracias e Araujo
18 de outubro de 1874
P. N. e A. M.

Loutulim 8-VI-905.

(*Continúa*)

GELASIO FARIA.

GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA

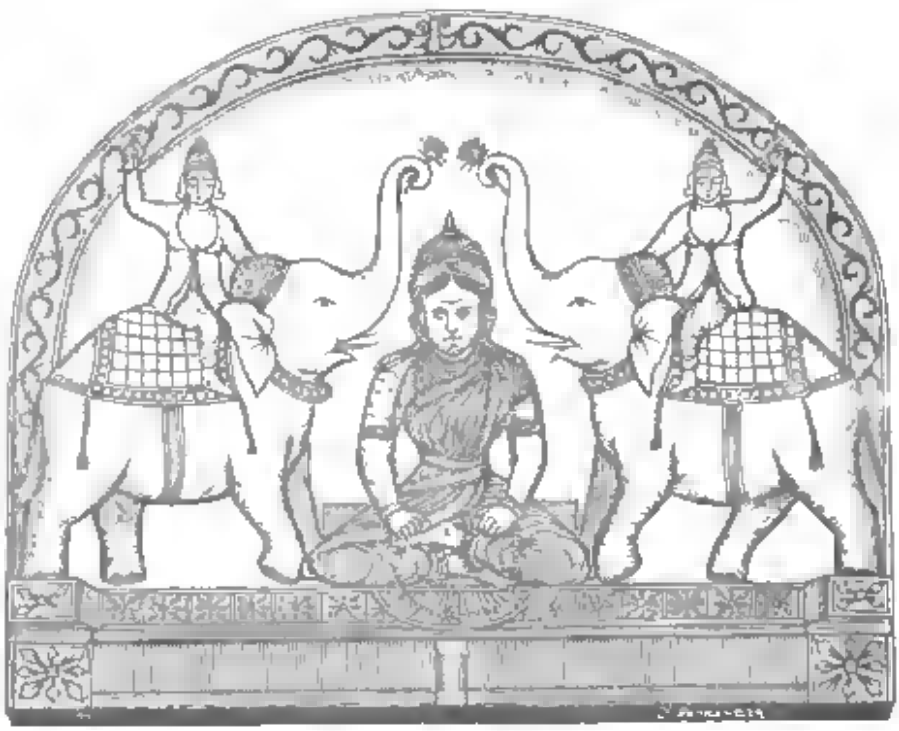
(Continuação do numero antecedente)

Alem de diversas e variadas lapides sepulchraes e commemorativas, algumas de singela gravura contendo apenas um resumido epitaphio, outras encimadas de brazões de armas e ladeadas de artisticos ornatos, e todas com inscripções mais ou menos legiveis, que existem na galeria lapidar do Museu, e que ficam inventariadas e descriptas nas paginas dos numeros anteriores desta Revista, fazem tambem parte da mesma galeria varias esculpturas em pedra, das quaes umas representam imagens e figuras da mitologia indu, outras são apreciaveis fragmentos de pedra bem lavrada, e ainda outras que são peças de architectura contendo brincados relevos, emblemas e symbolos, mas todas sem letreiro que indique a sua significação ou proveniencia, sem era ou data que prove a epocha em que foram lavradas, sem indiculo ou sigla que diga a que edificio pertenceram ou aonde estiveram antes de virem isoladas para o Museu,

Como aquellas primeiras, tambem estas ultimas merecem ser registadas nesta Revista, não tanto como vetustas obras de arte do paiz, mas como sendo monumentos que evocam recordações historicas dos seculos passados e prendem a nossa attenção por mais de um titulo.

Começando pois o registo e o recenseamento das esculpturas sem letreiro, temos de apresentar em primeiro lugar as seguintes.

N.º 55



A estampa supra dispensa, a sua descripção.

Nota — E' pedra solta que esteve encravada na parede de algum templo pagão, em tempos passados, o qual depois de derruido do lugar onde fora construido na velha cidade de Goa, ficou a pedra soterrada nas ruinas delle e dali foi recolhida no Museu. Um Hindu illustrado, a quem consultamos sobre a significação da esculptura, escreveu-nos o seguinte:

= A esculptura representa a imagem de *Xry Mahalocxmy* ou *Gajanta Locxmy* (esposa de *Vishnum*), que de ambos os lados tem dois elefantes de cujas trombas recebe agua pura e santa para a ceremonia de sua ablução. Os devotos que lhe tributarem o culto, tornar-se hão completamente felizes e terão a ventura de ver, em cada

dia, dois elefantes á sua porta, esplendor este a que chegarão infallivelmente não só neste mundo, mas tambem no ceu. Os hindus adoram-n'a com grande veneração nos dias em que recahem o quarto minguante e a lua nova do mez de *asvino* (outubro) e no da lua cheia do mez de *cartico* (novembro). A devoção ou culto desta deosa é muito proficuo para quem queira livrar-se de qualquer calamidade. =

(Continúa)

J. M. do Carmo Nazareth.

O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DE ARCHEOLOGIA

Fundada em 1904

Esta Revista, de que já está publicado um volume no anno findo, é orgão da *Commissão permanente de archeologia da India Portugueza*. Publica-se em numeros de 24 paginas ou mais. Doze numeros formarão um volume, com o seu frontispicio, indices e capa especial.

Preço de cada n.º avulso . . . . . 0:05:06 — 137½ réis de Portugal
Preço de cada n.º por assignatura. 0:04:06 — 112½ reis de Portugal

ASSIGNATURAS

Envia-se cada numero pelo correio aos assignantes acrescendo a importancia dos sêllos.

É agente d'esta Revista em Lisboa a «Antiga Casa Bertrand, José Bastos, livreiro-editor», Rua Garrett, 73 e 75.

AVISO

Solicita-se de todos os nossos assignantes e leitores d'esta revista, a fineza de nos proporcionarem a leitura, analyse, e reproducção de quaesquer obras litterarias, manuscriptos, etc., plantas, quadros, aguarellas, photographias, desenhos, etc., de valor archeologico, sua propriedade ou que possam obter por emprestimo, os quaes serão cuidadosamente respeitados e restituidos. Aos referidos assignantes e leitores, que se dignarem satisfazer a este appello, serão manifestados os merecidos agradecimentos nos numeros d'esta revista.

De todas as publicações litterarias e scientificas, de que a commissão de redacção receber um exemplar, far-se-ha menção na Revista.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondencia litteraria, bem como os originaes destinados á publicação n'esta Revista, serão dirigidos a qualquer vogal da commissão de redacção, ou ao secretario da commissão permanente de archeologia, José Maria do Carmo Nazareth — Nova Goa; — sobre assumptos de administracão, dirigir-se-ha a correspondencia á *Imprensa Nacional*.